

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Lucas Pascoal Lima da Silva

**PAIDEIA CRISTÃ E EDUCAÇÃO ESCOLAR: UMA REFLEXÃO HISTÓRICA SOBRE A
CONCEPÇÃO CRISTÃ DE EDUCAÇÃO E SUAS INFLUÊNCIAS NA ESCOLA
BRASILEIRA NO INÍCIO DO PERÍODO COLONIAL**

Sorocaba/SP
2026

Lucas Pascoal Lima da Silva

**PAIDEIA CRISTÃ E EDUCAÇÃO ESCOLAR: UMA REFLEXÃO HISTÓRICA SOBRE
A CONCEPÇÃO CRISTÃ DE EDUCAÇÃO E SUAS INFLUÊNCIAS NA ESCOLA
BRASILEIRA NO INÍCIO DO PERÍODO COLONIAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Renato Polli

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Sorocaba/SP

2026

Ficha Catalográfica

S581p Silva, Lucas Pascoal Lima da
Paideia cristã e educação escolar : uma reflexão histórica sobre a concepção cristã de educação e suas influências na escola brasileira no início do período colonial / Lucas Pascoal Lima da Silva. – 2026. 92 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. José Renato Polli
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2026.

1. Educação cristã. 2. Educação – Brasil – História – Período colonial, 1500-1822. 3. Patrística. 4. Escolástica. 5. Jesuítas – Educação - Brasil. I. Polli, José Renato, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Lucas Pascoal Lima da Silva

**PAIDEIA CRISTÃ E EDUCAÇÃO ESCOLAR: UMA REFLEXÃO HISTÓRICA SOBRE
A CONCEPÇÃO CRISTÃ DE EDUCAÇÃO E SUAS INFLUÊNCIAS NA ESCOLA
BRASILEIRA NO INÍCIO DO PERÍODO COLONIAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: 02/03/2026

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente



JOSE RENATO POLLI

Data: 04/05/2026 15:07:03-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Renato Polli
Universidade de Sorocaba

<https://orcid.org/0000-0002-5139-6493>

Documento assinado digitalmente



RAFAEL ANGELO BUNHI PINTO

Data: 04/05/2026 17:03:10-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rafael Ângelo Bunhi Pinto
Universidade de Sorocaba

<https://orcid.org/0000-0003-4988-3628>

Documento assinado digitalmente



ASCISIO DOS REIS PEREIRA

Data: 08/05/2026 10:25:03-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ascísio dos Reis Pereira
Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0000-0002-1969-0537>

DEDICATÓRIA

*À minha mãe, por ter sido minha
inspiração e refúgio em meio a tantas
dificuldades enfrentadas no meu
percurso escolar.*

AGRADECIMENTOS

Durante minha trajetória acadêmica, muitos percalços foram enfrentados, mas que, de alguma forma, fizeram-me dar valor a todas as conquistas e a todas as pessoas que me ajudaram nessa jornada.

Ter a oportunidade de cursar uma pós-graduação stricto sensu e obter o título de Mestre em Educação é uma das maiores honrarias que um educador pode almejar, e, com todos os problemas já conhecidos que enfrentamos em nosso país, como falta de disponibilidade de tempo e de recursos financeiros, obter tal conquista parece sempre algo muito distante.

Nesse sentido, se não fossem as pessoas e instituições que me apoiaram, cada um me ajudando de uma forma distinta, direta e indiretamente, eu jamais teria feito esta pesquisa e jamais estaria redigindo esta dissertação.

De início, agradeço à Universidade de Sorocaba (UNISO) pela disponibilização da bolsa CAPES integral, sem a qual seria impossível cursar a pós-graduação. Certamente, esse agradecimento se estende aos professores do programa, pois foram eles que aceitaram o meu projeto e optaram por destinar a mim uma das bolsas disponíveis.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. José Renato Polli, por ter me dado o auxílio necessário em toda a trajetória da pesquisa, seja indicando livros, teses e dissertações que pudessem me ajudar, seja me dando autonomia para que pudesse direcionar meus estudos àquilo que mais me encantasse e fizesse sentido.

Agradeço aos demais professores que ministraram as disciplinas que cursei, pois o aprendizado adquirido foi fundamental para a minha formação acadêmica e desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita que aprimoraram a minha pesquisa, tendo como bônus, nas disciplinas eletivas, a aquisição de conhecimentos subjacentes que, certamente, servirão de inspiração para futuras pesquisas ou, quem sabe, a escolha do tema da tese de doutorado.

Agradeço a minha amiga e colega de trabalho, Prof.^a Dr.^a Margly Octavia Genofre de Carvalho, que obteve seus títulos de Mestre e Doutora na Universidade de Sorocaba. Seu conhecimento me ajudou na pesquisa para a elaboração do meu

projeto de pesquisa que foi apresentado e aprovado. Além disso, ela me guiou nos caminhos a serem percorridos de modo que pudesse cursar todas as disciplinas, apesar das dificuldades encontradas com relação à dispensa do meu trabalho nos horários que coincidiam com o curso.

Agradeço a Andreia Siqueira Oliveira Lima, do Setor de Atendimento ao Aluno da Universidade de Sorocaba, pois, diante da dificuldade que eu estava enfrentando para cursar as disciplinas obrigatórias do primeiro semestre, por não ter conseguido a dispensa junto à Prefeitura de Sorocaba, local em que trabalho, para frequentar às aulas presenciais, me ajudou a elaborar a petição que encaminhei à coordenação do curso para que pudesse cursar tais disciplinas no terceiro semestre, obtendo êxito no pedido.

Agradeço ao coordenador do curso, Prof. Dr. Rafael Ângelo Bunhi Pinto, por, além de ter me autorizado a cursar as disciplinas obrigatórias referentes ao primeiro semestre do curso em momento posterior, ajudou-me com as devidas adaptações no meu percurso formativo que mitigaram os danos resultantes das mudanças realizadas.

E, por fim, agradeço a Deus, pois, tendo a fé cristã que se desenvolveu através de estudos e conhecimentos adquiridos no meio universitário, conseguir ter um maior contato com a igreja e com os ensinamentos de Jesus Cristo que passaram a fazer sentido para mim e me inspiraram a trabalhar no projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação.

*Sê humilde para evitar o orgulho,
mas voa alto para alcançar a
sabedoria.*

(Santo Agostinho)

RESUMO

O tema desta pesquisa é Paideia Cristã na escola brasileira através da pedagogia de Anchieta, que se insere na área de concentração Educação Escolar e na linha de pesquisa Políticas, Gestão e História da Educação, no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Neste aspecto, a pesquisa é guiada pelas seguintes questões: De fato, houve influências da Paideia Cristã sobre as práticas de ensino na educação brasileira na formação integral do ser humano? Se sim, quais influências e como a educação cristã atuou no sistema de ensino brasileiro no período colonial? Tais questionamentos demandam o objetivo geral de compreender a educação brasileira através da perspectiva cristã, de modo a favorecer um maior proveito de tais informações devidamente ordenadas por parte de pesquisadores e estudiosos. E os objetivos específicos são os de compreender o desenvolvimento da educação cristã e sua influência na formação da escola brasileira; fomentar a prática docente com a ciência das metodologias de ensino cristãs que vigoram até os dias atuais, permitindo uma análise crítica que proporcione um aprimoramento das diversas formas de ensino; e proporcionar um amparo que facilite a pesquisa na área educacional e filosófica com a organização das ideias que, até então, não estão elaboradas de maneira fácil de se compreender. Para tanto, a pesquisa tem como fundamentação teórica, para tratar da definição da Paideia Cristã, Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, Émile Morin e Charles Lamartine; e para abordar a história da educação cristã no Brasil, Dermeval Saviani. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que envolve análise crítica dos embates, posições favoráveis e contrárias à educação cristã no país e resultados obtidos a fim de se promover uma compreensão acerca da filosofia cristã de ensino, que favorecerá um maior aproveitamento das ideias pedagógicas que ainda são úteis atualmente bem como uma adaptação ou exclusão daquelas não tão relevantes para as necessidades educacionais contemporâneas.

Palavras-chave: Paideia Cristã; Educação Cristã; Cristianismo; Patrística; Escolástica.

ABSTRACT

The theme of this research is Christian Paideia in Brazilian schools through the Anchieta's pedagogy, which is included in the School Education concentration area and the Education Policies, Management, and History research line of the Graduate Program in Education at the University of Sorocaba. In this aspect, the research is guided by the following questions: Has Christian Paideia really influenced teaching practices in Brazilian education in the integral formation of the human being? If so, what influences and how did Christian education act in the Brazilian education system during in the colonial period? These questions demand the general objective of understanding Brazilian education from a Christian perspective, in order to favor greater benefit from this properly organized information by researchers and scholars. The specific objectives are to understand the development of Christian education and its influence on the formation of Brazilian schools; to foster teaching practices through the knowledge of Christian teaching methodologies that are still in force today, enabling a critical analysis that provides greater benefit from the various teaching methods; and provide support that facilitates research in the educational and philosophical fields by organizing ideas that, until now, have not been easily articulated. Therefore, the research is theoretically grounded in the definition of Christian Paideia by Augustine of Hippo, Thomas Aquinas, Émile Morin, and Charles Lamartine; and in the history of Christian education in Brazil, by Dermeval Saviani. This bibliographical research involves a critical analysis of the conflicts, positions for and against Christian education in the country, and the results obtained in order to gain an understanding of Christian teaching methodology, which will favor major use of pedagogical ideas that are still useful today, as well as the adaptation or exclusion of those that are not as relevant to contemporary educational needs.

Keywords: Christian Paideia; Christian education; Christianity; Patristics; Scholasticism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fases da Escolástica	44
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O SURGIMENTO E AS CARACTERÍSTICAS DA PAIDEIA CRISTÃ	20
2.1 INÍCIO DO CRISTIANISMO: A PAIDEIA CRISTÃ	21
2.1.1 Influência grega na Paideia Cristã	23
2.1.2 O ensino dos profetas	25
2.1.3 Movimento emancipatório do Cristianismo primitivo	26
2.1.4 A autoridade de Jesus Cristo como educador	29
2.1.5 O afeto na relação pedagógica como legado cristão	31
2.1.6 A continuidade da Paideia Cristã após Jesus Cristo	32
2.2 EDUCAÇÃO CRISTÃ ANTES E NO INÍCIO DA IDADE MÉDIA	33
2.2.1 Patrística	34
2.2.2 Escolástica	40
2.3 EDUCAÇÃO CRISTÃ JESUÍTA	44
2.4. A PAIDEIA CRISTÃ NA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	46
3 UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS INFLUÊNCIAS DA CONCEPÇÃO CRISTÃ DE EDUCAÇÃO NA VIDA ESCOLAR BRASILEIRA	49
3.1 O MOVIMENTO EDUCACIONAL CRISTÃO NO BRASIL	49
3.1.1 O movimento franciscano	51
3.1.2 A educação jesuíta em Anchieta	54
3.1.3 Outros movimentos religiosos	62
3.2 IDEAL DO ENSINO JESUÍTA DE ANCHIETA NA MISSÃO COLONIZADORA	63
3.3 CONTRADIÇÕES COM A PAIDEIA CRISTÃ	65
3.4 MARQUÊS DE POMBAL E A DISPUTA POR DOMINAÇÃO	68
4 AS IDEIAS PEDAGÓGICAS DOS JESUÍTAS E A EDUCAÇÃO FORMAL	70
4.1 CONCEPÇÃO DE IDEIAS PEDAGÓGICAS PELOS JESUÍTAS	70
4.2 AS IDEIAS PEDAGÓGICAS NO “PERÍODO HEROICO”	71
4.3 O INÍCIO DA ESTRUTURAÇÃO COM O <i>RATIO STUDIORUM</i>	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81
ANEXO A – MEMORIAL	85

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação pertence à linha de pesquisa “Políticas, gestão e história da educação” do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO), tendo o apoio, através de financiamento, do CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. A pesquisa trabalhou com o tema Paideia Cristã, que trata da formação educativa do ser humano em uma perspectiva cristã, a partir da mensagem de Jesus Cristo, e sua aplicabilidade na escola brasileira através da pedagogia do padre jesuíta José de Anchieta.

Durante a minha segunda graduação, Licenciatura em Letras, deparei-me com diversos assuntos que me fizeram refletir acerca das práticas de ensino que fizeram parte da minha formação desde a educação básica até aquele momento. Ao analisar a presença do cristianismo no desenvolvimento de metodologias de ensino que são apresentadas nos cursos de licenciatura, eu pude perceber que autores cristãos desempenharam um papel importante na educação em nível mundial, expondo princípios que pudessem aprimorar as práticas de ensino e promover uma melhor aprendizagem. Diversas ideias pedagógicas que fazem parte da abordagem teórica do curso de licenciatura passaram a fazer sentido para mim através de um olhar cristão, em que foi possível compreender aonde se queria chegar com aquilo. Com isso, cheguei à intuição que as ideias filosóficas de algumas correntes de dentro do cristianismo – principalmente as do catolicismo – exerceram e ainda exercem um papel importante na formação de docentes.

Ao analisar a abordagem cristã, obtive muita curiosidade acerca da filosofia. A disciplina de “Filosofia da Educação” me trouxe uma ampliação do pensamento a fim de se explorar o ensino de uma maneira jamais imaginada antes. Dessa forma, passei a me aprofundar no assunto, principalmente lendo obras de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, momento em que pude compreender que o cristianismo acredita que é na diversidade de dons que se faz a totalidade, onde cada pessoa humana contribui com aquilo que possui de melhor para a construção de uma sociedade, e que essa forma de pensar contribuiu para a fragmentação do conhecimento e a especialização. Além disso, mais uma vez Santo Agostinho se fazia

presente na minha vida e, poder estudá-lo durante meu curso de licenciatura em Letras foi uma grata surpresa.

Tudo isso despertou em mim o desejo de me aprofundar nos estudos acerca da educação cristã, principalmente no Brasil, com os seguintes questionamentos: De fato, houve influências da Paideia Cristã sobre as práticas de ensino na educação brasileira na formação integral do ser humano? Se sim, quais influências e como a educação cristã atuou no sistema de ensino brasileiro no período colonial?

Desse modo, com tais questionamentos, a busca por respostas pôde me direcionar a um caminho de definição de conceitos que pudessem compreender a ética cristã e seus valores inculcados na sociedade, e que pudessem designar os rumos da educação e o fortalecimento de práticas de ensino baseadas em tais valores.

Mas, antes de adentrar ao estudo da educação cristã na escola brasileira propriamente dita, eu quis estudar um pouco mais acerca dos autores supracitados, principalmente de Santo Agostinho, sendo a base que me aproximou do cristianismo em matéria de fé, com o conhecimento do catecismo e da tradição apostólica, mas dessa vez, voltando-me para a questão pedagógica.

Agostinho (2021) ensinava o caminho de santidade usando a sua história de conversão como exemplo. O livro “Confissões” relata todo esse processo de mudança drástica de vida após o conhecimento do cristianismo. Mas, estudioso que era, Agostinho não se limitou a apenas catequizar as pessoas, ele desempenhou um papel importante na filosofia educacional observando como funciona o aprendizado humano e sua influência na relação com Deus. O livro “*De Magistro*” é um claro exemplo disso, em que ele registra o desenvolvimento das ideias acerca da linguagem com seu filho Adeodato (Agostinho, 2017). Suas ideias se inspiravam nas de Platão e tinham em vista o domínio da retórica. Com isso, ganhou notoriedade e se tornou santo doutor da igreja.

Portanto, considero que para entender o desenvolvimento histórico dessas ferramentas educativas no contexto religioso cristão, é importante compreender o foco da sociedade de outrora e quais são os objetivos educacionais contemporâneos, visando otimizar o ensino de acordo com as características dos estudantes da atualidade, mas sem deixar de vista as raízes que definem o povo brasileiro. E, então,

é importante que haja um embasamento bibliográfico rico a fim de que haja uma análise crítica mais compreensiva e assertiva, que poderia culminar em um melhor aproveitamento das ideias pedagógicas elaboradas.

Há, de uma maneira geral, a influência de diversos pensadores que idealizaram a melhor forma de ensinar na educação brasileira. Cada um deles veio de uma vertente e se inspirou em determinadas filosofias.

Entretanto, a forma como o cristianismo se estabeleceu no Brasil, tornando-se a religião oficial por muitos anos e, mesmo após, continuou a exercer forte impacto nos rumos da educação do país, chama a atenção. E aprofundar-se na origem desse domínio da Igreja Católica no Brasil é importante para compreender qual foi a mensagem transmitida na formação dos fiéis e se essa mensagem fundamentou a base sólida do Cristianismo.

Alguns pensadores cristãos se inspiraram em outros que não eram, fazendo as devidas modificações para se compatibilizar à mensagem de Jesus Cristo, outros apenas atualizaram as ideias que foram implementadas em contextos históricos diferentes. Por isso o uso do termo Paideia Cristã, referindo-se à formação do ser humano na perspectiva do Cristianismo tendo como base a filosofia da Paideia grega. (Freitas, 2022)

Mas, de qualquer forma, a doutrina cristã estabeleceu o que era certo e o que era errado de acordo com os dogmas católicos, visando sempre a salvação das almas em sua catequese de acordo com a perspectiva cristã.

A pesquisa realizada foi do tipo teórico, que consistiu em um levantamento bibliográfico em monografias, teses, dissertações e livros, sendo, portanto, uma análise de documentação indireta.

Ao analisar o estado da questão, foi possível observar a abordagem do tema de pesquisa no campo teológico e filosófico, não sendo tão frequente no campo educacional de maneira explícita. Embora haja a produção de diversas pesquisas sobre o cristianismo no Brasil, o enfoque está mais voltado para missões de determinadas ordens religiosas, como os beneditinos, franciscanos e jesuítas.

Entretanto, essa dissertação, como pertencente aos estudos referentes à educação, direciona-se mais para a metodologia da Companhia de Jesus – nome da ordem dos jesuítas -, destacando a figura de Padre José de Anchieta, que é um nome muito importante no desenvolvimento da educação em Portugal e que teve uma missão educativa relevante e de destaque no Brasil.

Desse modo, trabalhar com a pesquisa bibliográfica permitiu a reunião de todo o acervo de maneira ordenada que facilitasse o entendimento da concepção cristã de educação (Paideia Cristã), para, posteriormente, analisar a sua influência na educação brasileira.

Assim, o referencial teórico-metodológico foi hermenêutico-fenomenológico, pois seguiu-se uma reflexão ampla centrada na condição humana. “A fenomenologia é o estudo das essências, uma doutrina universal que integra a ciência da essência do conhecimento” (Medeiros, 2016 *apud* Husserl, 1990, p.18).

Essa área faz a descrição do espaço e do mundo vivido sem se preocupar com a análise ou a explicação dos fenômenos.

No entanto, é muito comum a descrição de dois tipos de fenomenologias: a reflexiva e a hermenêutica, sendo utilizada a segunda. Uma boa descrição da hermenêutica segue abaixo:

A hermenêutica surge como palavra na era moderna, e foi formada e empregada primeiramente no domínio teológico como sentido de uma ‘arte de compreensão’ ou ‘doutrina da boa interpretação’, buscando a objetividade da Escritura mediante a utilização da compreensão admitida como correta (Medeiros, 2016 *apud* Coreth, 1973, p. 27).

Portanto, a hermenêutica se preocupa com a análise a fim de buscar a interpretação de textos e sentido das palavras.

Em relação à pesquisa desenvolvida nesta dissertação, a hermenêutica é relevante porque trata do domínio teológico no sentido de buscar a objetividade dos textos bíblicos e demais escritos de cunho religioso e/ou filosófico, ou seja, a melhor interpretação, diminuindo ou eliminando ambiguidades.

A fenomenologia hermenêutica deixa de lado a observação e descrição dos fenômenos e parte para a sua análise e interpretação, como uma imersão do

observador no mundo observado e a conseqüente estruturação de sua visão de mundo (Medeiros, 2016). Essa estruturação da visão de mundo através da imersão do observador possibilita a interpretação dos fenômenos por essa interação.

Conforme afirma Fabri (2007, p. 24), “A função transcendental, realizada pelo ensino, conduz o desafio da interpretação, mas é necessário mostrar que uma tal relação clama por uma fenomenologia da própria situação dialógica.”

Esse referencial possui relevância porque a pesquisa bibliográfica foi feita através de textos de cunho filosófico e teológico. E, dessa forma, a análise interpretativa desse conteúdo, de maneira ordenada, permite uma organização da Paideia Cristã de acordo com o período a ser estudado.

Portanto, de início, foi feita a leitura de livros e trabalhos acadêmicos já publicados, de modo a contextualizar a Paideia Cristã visando o período em que houve a sua introdução no sistema de ensino brasileiro no período colonial. Depois, a organização das ideias de forma a contextualizar a Paideia cristã na educação escolar brasileira. Por fim, a análise crítica abordando o resultado da pesquisa, com a exposição das ideias favoráveis e contrárias à concepção cristã de educação, os embates travados no decorrer dos anos no período estudado, bem como a força da igreja na sua resistência às mudanças tentadas pelo Estado no período estudado.

Esta dissertação busca provocar uma reflexão sobre a vertente cristã na área educacional de uma forma que pouco é abordada, já que, vivendo em um Estado laico, as pessoas tendem a se esquecer dos resquícios de outrora, quando o cristianismo oficialmente prevalecia na sociedade, deixando de analisar suas heranças, sendo algumas delas positivas, para se chegar ao patamar em que a educação brasileira se encontra atualmente. Também é importante verificar o embate que houve entre a igreja e vários filósofos da educação que propuseram um desmembramento da religião.

No entanto, o objetivo geral é compreender a educação brasileira através da perspectiva cristã, de modo a favorecer um maior proveito de tais informações devidamente ordenadas por parte de pesquisadores e estudiosos. Ademais, tem-se os seguintes objetivos específicos:

- Compreender o desenvolvimento da educação cristã e sua influência na formação da escola brasileira;

- Fomentar a prática docente com a ciência das metodologias de ensino cristãs que vigoram até os dias atuais, permitindo uma análise crítica que proporcione um maior proveito das diversas formas de ensino;

- Proporcionar um amparo que facilite a pesquisa na área educacional e filosófica com a organização das ideias que, até então, não estão elaboradas de maneira fácil de se compreender.

A análise sobre a concepção cristã de educação e sua influência na escola brasileira se voltou, prioritariamente, ao período Brasil-colônia, em que o sistema de ensino teve a sua primeira modelagem feita pelos jesuítas - sacerdotes da Companhia de Jesus –, prosseguindo com a análise de seu impacto na educação nacional até o período atual.

A pesquisa é relevante para a compreensão do contexto histórico em que a igreja católica estabeleceu diretrizes para o funcionamento do sistema educacional brasileiro, que culminou em diversas práticas pedagógicas que vigoram até os dias atuais. Isso é interessante porque permite uma melhor adaptação das ideias cristãs para os dias atuais.

Além disso, a pesquisa serve de apoio para a elaboração de projetos pedagógicos diversos, visto que aborda o ideal cristão de educação sob a perspectiva de doutores da igreja católica de diversas vertentes e em diferentes épocas, podendo delinear um movimento progressivo da educação no decorrer do tempo. Com isso, será possível estabelecer uma estruturação do ensino mais adequada para cada prática pedagógica no ambiente escolar.

Por fim, a pesquisa permitirá o auxílio em outras pesquisas que abordam a história da igreja, sua influência e legado na história do Brasil em diversas áreas, já que condensa informações direcionadas para a temática educativa com a visão filosófica e teológica.

Para o estudo teórico que fundamenta a contextualização da Paideia Cristã e sua influência na educação, alguns autores específicos foram elencados para cada

momento histórico importante na sua formação (da Paideia Cristã). Para a análise crítica do conteúdo do sistema de ensino cristão, outro corpo bibliográfico foi utilizado. Dessa forma, segue-se com a fundamentação para cada momento específico, devidamente explicado.

Começando com o estudo teórico, tem-se Agostinho de Hipona, Jerônimo, Tomás de Aquino, Dermeval Saviani, Émile Morin e Charles Lamartine de Sousa Freitas como autores principais que contribuíram para esta pesquisa.

Agostinho de Hipona é o autor primordial para a descrição do período da Patrística, que foi muito importante para a igreja católica no que se refere ao desenvolvimento do raciocínio filosófico-cristão em defesa da fé contra algumas heresias que surgiram no seu período de vida. Essa sua luta constante, entre diversas cartas e livros deixados, concedeu a Agostinho o título de doutor da igreja e, por desenvolver metodologia de ensino própria que visava a conversão das almas. É um autor demasiadamente estudado quando se trata de filosofia da educação. Portanto, ele é uma figura importante para a Paideia Cristã e, por isso, é utilizado como fonte primária, através da consulta de seus escritos em livros, e fontes secundárias.

Outra figura importante a ser analisada no período da Patrística é a de Jerônimo, personagem de destaque da igreja na definição da Paideia Cristã, uma vez que se trata do tradutor da bíblia do hebraico e grego para o latim, na versão conhecida como Vulgata. Para esta dissertação, o referido autor é uma fonte secundária.

Tomás de Aquino contribuiu para a igreja no período da Escolástica, em que a igreja se desenvolveu no decorrer da idade média e determinou os rumos da educação na Europa. Tendo em mente as ideias de Aristóteles, Tomás de Aquino desenvolveu a Suma Teológica, que, posteriormente, passou a ser utilizada pelos jesuítas como inspiração para a elaboração do sistema de ensino brasileiro. Por isso, é uma fonte primária, através da consulta de suas obras, e fontes secundárias.

Cainan Espinosa Gimenes e Wander Gomes dos Santos ajudam no entendimento da vida e obra de Agostinho. As dissertações desses autores são uma fonte primária que auxilia na descrição desse importante autor para o período da

Patrística, em que grandes figuras do cristianismo surgiram com uma pedagogia de ensino voltada para a defesa da fé católica contra diversas heresias.

Dermeval Saviani é importante na análise histórica da educação brasileira, explanando o desenvolvimento do sistema de ensino do país desde a sua descoberta até os tempos atuais, destacando, desde sempre, o papel ativo da igreja nessa questão. É uma fonte primária, pois possui obras na área da educação relevantes para o entendimento do contexto de desenvolvimento da Paideia Cristã no Brasil, bem como do legado deixado pela Igreja Católica.

Émile Morin contribui com a descrição das estruturas sociais que Jesus Cristo, em sua natureza humana, enfrentou no seu período missionário. Isso é relevante para entender o contexto que a pedagogia dele (Jesus) se desenvolveu voltada à solução de problemas naquele período, problemas esses que privavam o ser humano do saber integral em sua formação social.

Em se tratando da análise crítica, Charles Lamartine explica a Paideia grega e a cristã, destacando pontos em comum, ou melhor, que inspiraram o modelo cristão, bem como as diferenças surgidas na adaptação ao modelo religioso, que visou, desde sempre, a formação do ser humano segundo os princípios voltados à fé, dando ênfase ao amor, que diferentemente daquele amor sentimental, puramente emotivo, imaginado pela sociedade atual, é um amor racional, escolhido de forma livre. Ele contribui para esta pesquisa como fonte primária, através da consulta de seus livros, dissertação e tese.

Rosimeire Pereira, Adriano Ramos Gomes e Cristina Antunes foram importantes para a compreensão da atuação de José de Anchieta e de seus companheiros inacianos – da ordem Companhia de Jesus, em alusão a seu fundador, Inácio de Loyola – no início da missão educacional no Brasil, destacando todo o plano estratégicos e os interesses envolvidos.

Tânia Conceição Iglesias contribui com informação acerca da inserção dos franciscanos nas missões em solo brasileiro, demonstrando seu papel diferente, sem destaque para a educação formal, mas com valores importantes da Paideia praticada no Cristianismo primitivo.

Tais escolhas elencadas foram feitas usando como critério obras que foram consagradas no campo da Paideia cristã e trabalhos acadêmicos que proporcionaram colaboração para o aprofundamento na pesquisa.

Esta dissertação está dividida em 3 capítulos, além desta introdução e das considerações finais, definidos na seguinte forma:

1. Contextualização histórica sobre a elaboração e características da Paideia Cristã.
2. Uma análise crítica sobre as influências da concepção cristã de educação na vida escolar brasileira.
3. As ideias pedagógicas dos jesuítas e a educação formal.

No primeiro capítulo, é feita a definição da Paideia Cristã, identificando a sua formulação no meio religioso, as pretensões do cristianismo através do ensino e o contexto em que a concepção cristã de educação se desenvolveu.

Para isso, inicia-se o capítulo com a descrição do início do cristianismo, com a figura presente de Jesus Cristo, a fim de demonstrar a mensagem dele (Jesus) através do ensino, dentro de sua realidade histórica, o que culmina no entendimento do começo a Paideia Cristã dentro daquele contexto histórico-social.

Posteriormente, o capítulo em questão descreve o período da Patrística, em que há um forte desenvolvendo do pensamento filosófico-religioso, demonstrando como que sacerdotes da Igreja Católica desempenharam um papel importante na definição mais atualizada da Paideia Cristã, já voltada para a batalha contra diversas heresias que ameaçavam a soberania da Igreja Católica. Também, esse trecho aborda a fortificação do ensino voltado para o campo moral, ensinando matéria de doutrina de fé com o foco na salvação das almas.

Por fim, o período da Escolástica, do desenvolvimento das universidades e da união entre fé e razão aproxima a concepção atualizada da educação cristã àquilo que influenciou a escola brasileira no período Brasil-colônia, servindo de inspiração para o sistema de ensino nacional elaborado pela ordem religiosa Companhia de Jesus, sob a tutela da coroa portuguesa. Aqui é um ponto importante, pois demonstra a

Paideia Cristã visando a formação integral do ser humano de uma forma estruturalmente ordenada e dividida de acordo com os interesses da sociedade da época.

Essa racionalização do ensino catequético culmina na busca incessante em conhecer a Deus para então poder crer nele, o que fundamentou a educação em Anchieta, cerne do capítulo seguinte.

Após a definição de conceitos e a explanação da Paideia Cristã, no capítulo seguinte chega-se ao ponto mais importante de toda a pesquisa que resultou nesta dissertação, pois é o capítulo que trata da análise crítica no período estudado.

O segundo capítulo apresenta a complexidade da questão levantada acerca da influência da Paideia Cristã no ensino brasileiro, iniciando-se com a análise sobre a sua real interferência, demonstrando as posições favoráveis e contrárias nos embates no decorrer da história, com observância aos posicionamentos relevantes que ganharam notoriedade, tanto em defesa como em oposição à forma cristã de lecionar.

Há de se levar em consideração que o estudo da Paideia Cristã no Brasil é muito amplo e complexo, sendo necessário um recorte ao período que é objeto de estudo dessa dissertação, que é o início com as missões jesuítas com a pedagogia de Anchieta influenciada pela formação grega do ser humano através da filosofia de Tomás de Aquino, que se espelha em Aristóteles.

Esse capítulo é importante pelo fato de auxiliar na reflexão acerca das práticas pedagógicas que vigoravam no período estudado, alinhadas aos interesses sociais da época, o que ajudará em adaptações para as necessidades atuais. Também servirá para analisar a utilidade dos princípios cristãos em determinados contextos de ensino.

Compreender as raízes que influenciaram na formação do ensino praticada no Brasil ajuda no entendimento dos interesses que havia na aplicação das metodologias de ensino desenvolvidas, o que pode ajudar no desenvolvimento de novas metodologias de acordo com os interesses educacionais da sociedade contemporânea.

Portanto, não se trata de uma análise subjetiva sobre a influência da concepção cristã de educação no ensino brasileiro, mas sim de um levantamento de posicionamentos diante dos embates surgidos em função de toda a construção inicial da educação brasileira.

Por fim, o terceiro capítulo, aborda a formalidade da educação nacional iniciada por José de Anchieta e que resulta em uma sistematização da escola brasileira em sua política, gestão e estrutura física.

Desse modo, o capítulo aborda a conjuntura educacional do país organizada pelos jesuítas com muito controle e autonomia para exercer suas metodologias e dividir sua aplicabilidade de acordo com cada público-alvo.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O SURGIMENTO E AS CARACTERÍSTICAS DA PAIDEIA CRISTÃ

Este capítulo procura refletir sobre o contexto histórico-social de formação da Paideia Cristã – o ideal formativo do cristianismo - e as influências que sofreu nesse processo, inspirando-se, em muitos aspectos, na cultura grega, culminando na pedagogia de Jesus, que vislumbrava uma formação integral do ser humano, independentemente de sua condição e impactante não só para as estruturas sociais de sua época, mas também em toda a história.

Essa etapa de reflexão é importante para a compreensão da formação histórica do conceito cristão de educar, através de suas raízes, até servir de inspiração para o ideal de ensino jesuíta em Anchieta, que chegaria ao Brasil no início do período colonial.

Durante o descenso de estruturas imperiais do mundo antigo, o cristianismo se expande no império romano. Nesse cenário, “o cristianismo representa a esperança de libertação para o povo sofrido e oprimido” (Freitas, 2022, p. 101).

Para tanto, busca-se aqui a descrição de um percurso histórico que compreende a mensagem de Jesus Cristo desde a sua origem até o seu legado continuado por seus discípulos, que foram determinantes para o desenvolvimento da concepção cristã de educação que influenciaria grandes doutores da igreja, como Agostinho e Tomás de Aquino. Estes, seriam modelados pela Paideia Grega em uma perspectiva cristã através das figuras respectivas de Platão e Aristóteles, culminando em uma forma pedagógica que abarcaria ordens religiosas importantes, como a Companhia de Jesus, que possuiu papel importante na formação da educação brasileira.

A Paideia, centrada na formação do homem grego, possuía uma concepção de educar que o estruturava para viver naquela cultura de acordo com as necessidades coletivas. Mas não se tratava apenas da aprendizagem de um ofício para o labor, havia, também, a moldagem do caráter para que o indivíduo fosse bom. (Jaeger, 2013)

Essa concepção educativa dos gregos passou por evolução ao longo de sua história, tendo diversos métodos de ensino, de acordo com cada perspectiva, como a de Homero, através da poesia, que “nem a apaixonada crítica filosófica de Platão conseguiu abalar o seu domínio, quando buscou limitar o influxo e o valor pedagógico de toda a poesia” (Jaeger, 2013, p. 60).

Ou então a educação dos sofistas, que é quando a Paideia ganha realmente forma:

É a origem da educação no sentido estrito da palavra: a *paideia*. Foi com os sofistas que essa palavra, que no século IV e durante o helenismo e o império haveria de ampliar cada vez mais a sua importância e a amplitude do seu significado, [...] acaba por englobar o conjunto de todas as exigências ideais, físicas e espirituais, que formam a *kalokagathia*, no sentido de uma formação espiritual consciente (Jaeger, 2013, p. 335).

Kalokagathia é um conceito que representa o ideal da perfeição humana. E esse ideal humano é buscado pelo Cristianismo, que vê no homem uma luta constante contra o mal. Ademais, o início do Cristianismo propõe a libertação do homem da situação de escravidão, passando a ter domínio sobre si mesmo.

Não só o ideal de ensino grego serviu de inspiração para os cristãos, mas também a forma de educar, pois “Foi a antiga retórica que fomentou pela primeira vez a consideração formal da arte e foi o **Cristianismo** que, por fim, converteu a avaliação puramente estética da poesia em atitude espiritual predominante” (Jaeger, 2013, p. 61, grifo nosso).

Como se pode observar, a formação da sociedade passou por várias etapas de desenvolvimento da educação na Grécia antiga, e essa pedagogia tão importante direcionou os rumos de uma filosofia que manifestou uma nova religião, ganhando adeptos com a sua catequese.

2.1 Início do Cristianismo: a Paideia cristã

Jesus é uma figura muito importante na história da humanidade. Antes dele, os judeus aguardavam a vinda do messias que, segundo a tradição e os escritos do antigo testamento, viria ao mundo para salvar o seu povo que havia rompido a antiga aliança com Deus em decorrência do pecado original – também chamado de pecado

por herança por se referir ao pecado que todas as pessoas recebem desde o seu nascimento -, libertando-os e instaurando uma nova e eterna aliança (Aquino, 1999).

Ao relatar a vinda de Jesus, os escritos bíblicos o apresentaram com traços de um mestre que ensina, ora em grupos reduzidos, ora em grandes grupos de pessoas, mas sempre com uma pedagogia que incutia no indivíduo o sentimento de amor, inclusão e universalidade. (Freitas, 2022)

Portanto, tem-se na figura de Jesus o início da Paideia Cristã com uma mensagem que busca ensinar não apenas habilidades para o labor, mas maneiras de agir conforme a vontade de Deus, utilizando-se, conforme afirma Freitas (2022, p. 103), “de elementos educacionais de cunho históricos, culturais e temporais, os quais tornam a sua mensagem singular”.

Quando Jesus se revelou ao mundo, muitas pessoas acreditaram se tratar do messias tão aguardado, porém, outras se decepcionaram com seus posicionamentos e visão do mundo, que condenava diversas práticas segregadoras em nome de Deus. Em um meio em que o judaísmo exercia força como religião, Jesus Cristo quebrou alguns preconceitos e julgamentos que eram comuns naquela sociedade. Morin (1988, p. 78), afirma que os evangelhos canônicos – que são aqueles classificados como autênticos e que compõem os livros bíblicos – “tendem a mostrar que também os pagãos são dignos da mesa do Senhor”. Isso significa dizer que, de acordo com os relatos dos evangelhos, Cristo queria estar no meio dos marginalizados, justamente daqueles classificados como pagãos, termo utilizado para se referir àqueles que não comungavam da fé tradicional.

Para compreender a Paideia Cristã, é preciso estudar Jesus inserido na sua realidade, dentro da sociedade judaica, pois o Judaísmo é referência para o Cristianismo.

Ao tratarmos das raízes históricas do movimento Jesus, é imprescindível começarmos por suas origens judaicas, uma vez que foi em meio a esse povo e em seu território que o Cristianismo floresceu. Os hebreus, também conhecidos por judeus ou semitas, prepararam o berço da cristandade, visto que não apenas Cristo, como também os primeiros cristãos, tais como os evangelistas e o grande apóstolo Paulo, eram todos de origem judaica (Freitas, 2022, p. 105).

Acontece que “Jesus questionou fortemente os privilégios e as hierarquias que a sociedade judaica estabelecia, tanto no domínio social quanto no domínio religioso” (Morin, 1988, p. 79). Era uma sociedade que se valia de Deus para justificar o domínio social, a separação entre quem tinha o direito de aprender e se desenvolver socialmente e quem era obrigado a ficar à mercê dos poderosos (Morin, 1988). E assim houve o rompimento entre o judaísmo e o que viria a ser o cristianismo, iniciando-se com as missões apostólicas juntamente com a vida pública de Jesus.

2.1.1 Influência grega na Paideia Cristã

Muitos costumes do povo judeu vieram como herança da cultura grega. Embora o domínio político sobre Israel fosse exercido pelo império romano, a cultura daquele povo no início da missão de Jesus havia sido modelada pelos gregos. O termo “greco-romano” advém justamente do legado cultural decorrente da interação entre as civilizações grega e romana durante o período helenístico e a expansão do Império Romano. (Flores, 2000)

Ainda na cultura grega, preocupado com a formação do ser humano, Sócrates, com seus ensinamentos, formou grandes pensadores que modelaram, posteriormente, a forma cristã de agir, como Platão, presente na fé cristã no período da Patrística, e Aristóteles, presente também na fé cristã, mas no período da Escolástica; períodos esses que serão abordados posteriormente.

Tinham sido a razão e a natureza os princípios diretivos do helenismo. No seu afã de se impregnar daqueles princípios, a fé cristã não fez mais do que aquilo que fizera desde os primeiros séculos da sua difusão. Toda a nova época cristã se debate, e se debate a seu modo, com a ideia clássica do homem e de Deus. Nesse processo interminável, coube à filosofia grega a missão de defender no plano espiritual, com a sua mente esclarecida pela agudeza conceptual, o ponto de vista e os direitos da “razão” e da “natureza”, agindo, portanto, como uma “teologia racional” ou “natural” (Jaeger, 2013, p. 493-494).

Essa influência grega no pensamento cristão fica evidente quando se observa, entre outras coisas, o uso da língua grega nos livros do Novo Testamento, bem como o uso do mesmo idioma em 7 livros da versão ampla de Alexandria do Antigo Testamento; e o uso de imagens sacras (esculturas) para representar os santos na Igreja Católica do ocidente, prática muito comum no período helenístico.

No período apostólico, nós observamos o primeiro estágio do helenismo cristão no uso da linguagem grega que encontramos nos escritos do Novo

Testamento, e que continua em períodos pós-apostólicos até o tempo dos assim chamados Pais Apostólicos [...] A questão da linguagem, de maneira alguma significou uma matéria irrelevante. Com a linguagem grega todo um mundo de conceitos, categorias de pensamentos, metáforas herdadas, e conotações sutis entram no pensamento cristão partir do exemplo de Filo de Alexandria, que não escreveu sua literatura grega para [...] O grego era falado nas sinagogas e em torno do Mediterrâneo, como é evidente a uma audiência de gentios, mas para seus contemporâneos judeus cultos. Um amplo segmento de prosélitos gentios não teria se desenvolvido, caso eles não tivessem sido capazes de entender a linguagem falada no culto judaico nas sinagogas da dispersão. Toda atividade missionária de Paulo era baseada sobre esse fato. Suas discussões com os judeus, aos quais ele se dirigia em suas viagens e aos quais ele tentava levar o Evangelho de Cristo, eram mantidas em Grego e com todas as sutilezas da argumentação lógica grega (Jaeger, 2014 *apud* Freitas, 2022, p. 12).

A forma de argumentação lógica de Jesus Cristo era tão semelhante à grega, que Sócrates foi “canonizado” por alguns religiosos católicos no período de ascensão do movimento renascentista e declínio do pensamento aristotélico com a Escolástica, pois viam uma atuação missionária dele (Sócrates) que antecipava o acontecimento cristão para aquele período. Sobre Sócrates, no livro “Paideia: a formação do homem grego”, Jaeger (2013, p. 492) afirma o seguinte:

A posteridade cristã outorgou-lhe a coroa de mártir pré-cristão, o grande humanista da época da Reforma, Erasmo de Roterdã, incluía-o ousadamente entre os seus santos e orava: *Sancte Socrates, ora pro nobis!* Embora ainda vestido com as roupagens eclesiástico-medievais, já se revela, porém, nessa oração, o espírito dos novos tempos, que principiara a despontar com o Renascimento.

Entretanto, a lógica grega da pedagogia de Jesus Cristo pode ter sido fruto de uma abordagem dos autores dos livros canônicos do Novo Testamento que, ao redigirem tais livros, estavam sob a égide da cultura grega. Ainda sobre o uso do grego no novo testamento, no livro “Teologia do Novo Testamento”, Jeremias (1977, p. 16) afirma:

As palavras de Jesus transmitidas pelos sinóticos apresentam-se na roupagem do grego semitizante da *koiné*. Ainda que no ambiente helenístico se deva ter considerado esse colorido semita como carente de beleza e necessidade de melhoria, a tradição como um todo se comportou muito discretamente na helenização das palavras de Jesus. Esta reserva, nascida do respeito para com o *Kyrios*, é saliente de modo especial em Lucas, onde os *logia* com matiz semita se destacam do quadro do puro grego que os envolve.

Desde o início, o cristianismo buscou ensinar às pessoas o que era preciso ser feito para se viver de forma reta segundo a vontade de Deus e para alcançar a vida eterna. Jesus Cristo, ao que parece segundo estudos bíblicos, ensinava muito por meio de questionamentos, indagações e parábolas, fazendo analogias com

situações cotidianas da época de acordo com a cultura em que ele estava inserido, cultura essa que fora modelada pelas civilizações gregas. Essa pedagogia se assemelha à Paideia Grega, pois:

A perspectiva da universalidade, que está ao centro da filosofia cristã, marca a superação dos predicados da antiguidade e propagação da sua mensagem sublevaria, especialmente, a dimensão política, causando impactos profundos nas estruturas da organização social (Freitas, 2022, p. 99).

Da mesma forma, na cultura grega, havia essa preocupação com a formação integral do ser humano para a universalidade, para as necessidades da *polis*, com a inclinação para os problemas coletivos. E essa preocupação foi incutida na civilização greco-romana e, conseqüentemente, no Cristianismo.

2.1.2 O ensino dos profetas

Os textos do antigo testamento anunciavam a vinda do Messias em um tom profético. Essas profecias, já desenvolvidas como um prelúdio do movimento cristão, não eram iguais às meras ações de adivinhação de outrora, mas faziam parte de uma comunicação autêntica entre Deus e seu povo:

Os profetas no mundo judaico assumiram, ao longo da história, perspectivas diferentes, que partem desde as antigas relações entre adivinhação e profecia, até se tornarem autênticos mediadores entre Deus e o povo. Eles possuíam, segundo a tradição bíblica, o conhecimento, eleição divina para transmitir a palavra do Senhor por meio da oralidade, ações simbólicas e escritos, que culminaram nos livros sagrados. Eram estes que muitas vezes animavam, sustentavam e defendiam o povo (Freitas, 2022, p.114).

Essa animação ao povo dada pelas palavras proféticas suscitavam a esperança de salvação, não apenas no sentido de se chegar ao paraíso celeste, mas também no sentido de se libertar da opressão em um mundo tão desigual que explorava os marginalizados. Também, as palavras proféticas vinham em um tom de defesa do povo que tinha esperança em Deus, o que o acolhia, eliminando qualquer sentimento de abandono.

Portanto, o profeta tinha a função de zelar pela prática autêntica e correta dos costumes religiosos (Freitas, 2022). Essa prática era a garantia da fidelidade ao amor de Deus com o seu povo. Então, os atos proféticos eram um memorial, uma lembrança da presença de Deus em meio ao seu povo.

2.1.3 Movimento emancipatório do Cristianismo primitivo

Jesus Cristo acolhia os pecadores e os convidava à conversão para uma vida longe do pecado e junto de Deus. Ele agia com compaixão para com o povo sofrido e oprimido. Essa forma de agir tinha um caráter corretivo libertário, pois não praticava ações de apontamentos condenatórios, mas sim ações pedagógicas que suscitavam o sentimento de amor e misericórdia, sendo ele mesmo, Jesus, o mestre, o modelo a ser seguido:

Identificamos o movimento de Jesus também como periférico e, ao mesmo tempo, preferencial pelos pobres, excluídos da religião, política e sociedade. [...] Atuar precipuamente junto aos marginalizados em regiões periféricas é viver a periferia da periferia (Freitas, 2022, p. 119).

Portanto, Jesus Cristo olhava para cada pessoa humana de maneira distinta, mas também demonstrava preocupações sociais. A concepção de educação do Cristianismo primitivo possuía uma militância política, pois despertava a consciência de classes e se posicionava contra as classes sociais exploradoras, mas sempre com um convite à conversão para uma vida misericordiosa. “O estilo de vida proposto incomodava, de um lado, aqueles cuja situação presente era vantajosa.” (Morin, 1988, p. 93)

Os ensinamentos de Jesus transformaram muitas pessoas para um modo de vida mais humilde. Além disso, os humildes e marginalizados se tornaram figuras importantes na defesa da fé e na propagação do cristianismo. Tanto que, dentre os apóstolos que participaram da missão salvífica de Cristo, não havia nenhum personagem relevante naquele contexto social. Na verdade, muitos poderosos queriam matá-lo justamente por seu posicionamento político:

[...] Jesus começou a realização do Reino de Deus, questionando a desenfreada evolução dos desejos humanos, em todos os domínios: economia, família, **estruturas sociais**, saber, poder. Ele foi procurar os **marginalizados para integrá-los** no Reino. É nessa perspectiva que emerge o sentido dos seus *milagres*. Suas curas não são prodígios incompreensíveis a serem examinados no microscópio de uma comissão médica. **São atos benéficos como muitos existentes** nos meios religiosos. Devem ser compreendidos num contexto cultural determinado e com os critérios deste meio (Morin, 1988, p. 96, grifo nosso).

Essa prática de Jesus Cristo possui um evidente cunho social, já que “[...] é marcada por uma forte dimensão política, expressa, sobretudo, no engajamento de um plano revolucionário social, subversivo às estruturas de seu tempo” (Freitas, 2022,

p. 120). Isso significa que a voz de Cristo é uma voz contra a opressão desencadeada pelas estruturas sociais de seu tempo. Mas, por se tratar de uma voz que não é apenas de autoridade profética, mas também amorosa e educativa, ela se torna atemporal e se reverbera a outras estruturas sociais em outros contextos posteriores:

[...] o Cristo vive uma verdadeira prática educativa ao longo do caminho e no desempenho de seu ministério, em uma ação itinerante que o faz percorrer diversas estradas e realizar obras e sinais inusitados em lugares que antes não tinha nenhuma expressão. (Freitas, 2022, p. 120)

Essa prática educativa se faz presente até hoje dentro do próprio meio cristão. Basta observar as ordens religiosas com seus votos de obediência, pobreza e castidade; as ações de caridade; e a luta em defesa dos marginalizados. Portanto, Cristo se faz presente em meio ao seu povo através das práticas educativas que foram transmitidas pela tradição apostólica, o que chamamos de Pedagogia do Caminho.

Um grande exemplo dessa forma emancipatória de ensino por parte de Jesus está no seu trato com as mulheres e as crianças, ambas figuras muito discriminadas em uma sociedade em que somente a figura masculina tinha voz e vez. Começando pelas mulheres, elas não podiam ter poder de decisão nem mesmo para questões relacionadas à sua intimidade, como afirma Morin (1988) no livro “Jesus e a estruturas de seu tempo”, explicando que a mulher era inferior ao homem em todas as coisas. “Em princípio, a mulher não participava da vida pública. [...] no meio de pessoas importantes, as mulheres só podiam aparecer cobertas de véu” (Morin 1988, p. 45).

Essa condição de inferioridade da mulher em relação ao homem se estendia também às questões religiosas, espaço em que a figura masculina possuía, voz, vez, privilégios e autoridade sobre a figura feminina. Todavia, os homens também possuíam certas obrigações que as mulheres não tinham:

Sob o aspecto religioso, a mulher não era igual ao homem. Estava sujeita a todas as proibições da Lei, a todo rigor da legislação civil e penal e, mesmo, à pena de morte. Mas, enquanto os homens deviam observar os mandamentos a serem cumpridos, em tempos determinados [...], as mulheres eram dispensadas desta obrigação (Morin, 1988, p. 46).

Essa dispensa das mulheres de obrigações religiosas não era uma maneira de protegê-las, como uma atitude cavalheira, mas era um claro sinal de sua exclusão da vida religiosa, de modo que a elas não era ensinada a Torá (Lei), sob a justificativa de estarem aprendendo a devassidão. (Morin, 1988)

Quanto às crianças, elas também sofriam discriminação na sociedade judaica, pois havia o entendimento de que “a criança pertencia a uma **categoria inferior, incapaz** em matéria religiosa” (Morin, 1988, p. 49, grifo nosso). Portanto, estavam na mesma categoria das mulheres, assim como surdos, mudos, deficientes, entre outros.

Mas com sua forma amorosa de ensinar, que acolhe e direciona, Jesus Cristo se fazia amigo das mulheres e crianças. Não renunciava à presença delas em seu meio e repreendia quem as privassem do acesso aos seus ensinamentos, era uma postura emancipatória movida pela empatia e equidade de valores. Esse era o projeto salvífico de Deus:

Considerando as narrativas dos Evangelhos, percebemos claramente que o Messias rompe paradigmas ao fazer-se amigo das mulheres, inclusive das últimas da sociedade, pois suas seguidoras correspondiam, de modo geral, a grande parcela dos pobres que lhe rodeavam. Muitos relatos neotestamentários demonstram esta relação amigável do Nazareno, como a conversa com a Samaritana no poço de Jacó, mesmo sabendo que os judeus não consideravam o seu povo como legítimos perante a religião hebraica; a fala com a mulher adúltera que está condenada a pena de morte por apedrejamento; o olhar para as enfermas e desprezadas e o cultivo da amizade pessoal com Maria de Magdala e com as Irmãs Marta e Maria na comunidade de Betânia. (Pagola, 2010 *apud* Freitas, 2022, p. 123)

Diversas mulheres foram beneficiadas pelos milagres de Jesus Cristo, e uma cura simbolizava a reintegração da pessoa curada à sociedade (Morin, 1988). E era justamente isso que Jesus fazia.

Já a figura de Maria, mãe de Jesus Cristo, oferece à tradição cristã um modelo singular de interioridade. Na lógica do ensino cristão, que visa formar o ser humano integralmente, a atitude contemplativa de Maria representa uma disposição fundamental para a formação. Como importante figura da fé e da obediência ao chamado divino, Maria tornou-se modelo formativo dentro da tradição da *Paideia* cristã, que visa a conformação do ser humano à imagem de Cristo. (Silva, 2024)

Portanto, através da *Paideia* Cristã, tem-se uma mudança de paradigma em que Deus quis se fazer necessitado da figura feminina para a execução de seu plano salvífico. E mesmo não estando fortemente presente nos livros canônicos, a imagem da mãe de Jesus é um modelo que ensina a humildade e a predileção de seu filho pelos mais pobres. Isso se reverberou até épocas posteriores, e Maria se tornou

símbolo na catequese que vislumbrava o combate a heresias que ameaçavam a fé cristã.

Maria foi proclamada como *Theotokos* — Mãe de Deus — no Concílio de Éfeso, no ano 431, o que ratificou a união das naturezas divina e humana de Cristo, ou seja, reafirmou ser Jesus verdadeiro Deus e verdadeiro homem, mas também contribuiu significativamente para a consolidação da espiritualidade cristã e sua expressão na educação. (Sesboüé, 2015)

As crianças ganharam vez, pois Jesus ensina que elas têm um lugar cativo no seu coração por serem mansas e humildes como ele. Dessa forma, demonstra que elas são queridas diante de Deus.

Mais adiante, será possível observar o mesmo sentido emancipatório na Patrística embora, muitas vezes, a preocupação emancipatória se restrinja ao campo moral. Também será possível observar, mais adiante ainda, a presença dessa pedagogia cristã de consciência e educação em solo brasileiro. Sua palavra se compreende como uma devolução da criança ao seu lugar de direito, que é a sociedade (Morin, 1988).

Traziam-lhe crianças para que as tocasse, mas os discípulos as repreendiam. Vendo isso, Jesus ficou indignado e disse: “Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança não entrará nele”. Então, abraçando-as, abençoou-as, impondo as mãos sobre elas. (Bíblia, 2017, Mc 10,13-16)

As atitudes de Jesus em relação às crianças, principalmente no tocante à parte em que afirma que “[...] delas é o Reino de Deus”, expõe um caráter pedagógico que usa da inocência e humildade das crianças como modelo de caminho de santidade rumo à vida eterna no convívio com Deus. Essa pedagogia é um convite para o despertar de um coração que não julga, mas que acolhe.

2.1.4 A autoridade de Jesus Cristo como educador

A autoridade educativa de Jesus Cristo o coloca como um verdadeiro mestre, pois suas ações pedagógicas romperam com o seu período, perpassando outras culturas através da continuidade dos saberes adquiridos por seus discípulos, algo

muito semelhante ao que se pode observar na cultura grega, quando o conhecimento de um filósofo se estendia a outro por gerações (Jaeger, 2013).

Na tradição judaica, “toda ciência tinha uma dimensão teológica” (Morin, 1988, p.106). Todo ensino estava voltado para a Lei, que deveria ser aprendida pelos homens e seguida à risca, caso quisessem ser salvos.

Havia, certamente, já nos tempos de Jesus, *escolas* primárias (*bêf sefer*) nas aldeias da Palestina, onde se aprendia a ler corretamente o texto hebraico, escrito sem vogais, e a reconhecer as primeiras transposições em aramaico. Nas escolas secundárias (*bêf hammidrash*), aprendia-se a interpretar a Escritura com a ajuda das tradições orais. [...] A formação dos escribas era, evidentemente, mais avançada (Morin, 1988, p. 107).

Afirma-se que a formação de um escriba era mais avançada por se tratar de uma posição social de destaque no quesito intelectual. Era formação dada por um doutor célebre que se estendia a vários anos. (Morin, 1988)

Os escribas não necessariamente possuíam origem nobre, aliás, muitos deles eram pobres e assistidos, já que precisavam dedicar seu tempo diário a estudos e orações, além do trabalho manual. Seu poder estava no seu saber, pois eram vistos como conhecedores da Lei e da tradição oral. Quando se tornava doutor ordenado, o escriba “podia resolver por si mesmo questões de legislação religiosa e ritual”. (Morin, 1988, p. 109)

Todavia, Jesus Cristo ensinava não como um escriba conhecedor da lei, mas sim como alguém que tinha autoridade sobre aquilo que transmitia a seus seguidores. Era uma autoridade de quem era o verdadeiro detentor da Lei. O fato de vir de origem humilde e de nunca ter estudado em aulas formais, assustava as pessoas do seu meio por causa de tamanho conhecimento. Sobre seu modo de ensinar, Morin (1988, p. 117) afirma:

O ensinamento é novo porque está carregado de autoridade. É o inverso do ensinamento dos escribas que têm apenas uma autoridade profissional: são profissionais da Escritura, da interpretação da Lei. Repetem, apenas, essa tradição. Jesus, ao contrário, fala, sem títulos. Sua autoridade se enraíza em outra fonte e não em uma qualificação profissional. É uma autoridade que lhe vem do Alto.

Por causa de sua autoridade, certamente Jesus entrou em conflito com os escribas, pois denunciava sua hipocrisia quando as atitudes não eram condizentes com os ensinamentos da Lei que eles julgavam conhecer. Diferentemente dos

escribas, o ensinamento de Jesus era para todos e chegava às camadas mais sensíveis da sociedade. Sua ação pedagógica era um movimento afetivo, carregado de misericórdia para com os marginalizados.

2.1.5 O afeto na relação pedagógica como legado cristão

No tópico anterior, abordou-se a questão do amor depositado no ato de ensinar. Ao colocar os excluídos no centro da sociedade, Jesus não só os emancipava perante o povo que estava ali, naquele círculo social, mas propunha a todos uma existência filial e fraterna (Morin, 1988). Era justamente isso que tornava o ensinamento do Cristianismo primitivo diferenciado. “Jesus atacava, pois, a hipocrisia religiosa dos escribas que falhavam, de fato, nos mandamentos fundamentais da Lei, **como o amor e, antes de tudo, a justiça para com os injustiçados**” (Morin, 1988, p.119, grifo nosso).

O ensino de Jesus era voltado para o amor, que não era simplesmente um amor sentimental, como conhecemos na sociedade ocidental, mas sim de um amor que se chama Ágape. Esse tipo de amor é voltado a uma escolha racional e desinteressada, em que não se busca algo em troca como recompensa, pois a recompensa já está no prazer em servir, sendo essa a exigência de Cristo para seguir o seu caminho, que leva ao pai.

O ágape é uma noção bastante complexa, posto que os Evangelhos utilizam a mesma palavra para a predileção do Pai por seu Filho, a compaixão do bom Samaritano, o respeito e a ligação do centurião pela nação judaica, o gosto dos fariseus pelos primeiros lugares e a virtude por excelência dos discípulos de Jesus Cristo. Assim sendo, o ágape se apresenta como o mais nobre dos amores em duas direções: para com Deus e para com os homens nos escritos neotestamentários, variando conforme o texto (Bobineau, 2010, p. 71).

Como já se sabe, Cristo educava não com palavras, mas também com gestos que rompiam barreiras impostas com a cultura da época, a qual, por sua vez, foi definida de acordo com o entendimento – a interpretação - que se obtinha da Lei de Deus. Esse ato de doar, de partilhar, movido pelo amor ensinado por Cristo, se estende ao banquete eucarístico, celebrado em todas as missas, e é um gesto de união fraterna de todos em Cristo, formando um só corpo. Isso é o que torna a igreja de Cristo única. É o que a torna católica. É o que, depois, Agostinho de Hipona proporá.

Na polêmica com os donatistas, essa ligação estreita entre Cristo e a Igreja, apresentados em tantos elementos da eclesiologia do hiponense, é “sintetizada e desenvolvida” de um modo especial, através do uso da linguagem bíblica da Igreja como corpo de Cristo. Esta aparece nos escritos antidonatistas do nosso autor com bastante assiduidade, constituindo-se como figura peculiar na valoração apologética, sobretudo das propriedades essenciais da Igreja, principalmente no seu caráter de única e universal. (Freitas, 2021, p. 100)

Agostinho de Hipona é um autor que será apreciado com mais detalhes no decorrer deste capítulo. Trata-se de uma figura que abordou a fundo o significado da Igreja como corpo místico de Cristo. Não se trata aqui de igreja no sentido físico, mas sim no sentido de totalidade de Cristo, em que se une a Igreja militante, padecente e triunfante em um só senhor, e essa união se faz pelo amor de Deus.

Diante do exposto, entendemos que o Cristianismo é a primeira experiência moral, filosófica e religiosa **universalista**, um ideal místico defensor da salvação para todos enquanto categoria social e política. É importante ratificar que a maioria das religiões existentes naquela época eram endógenas, voltadas especificamente para um povo, como era o caso dos judeus. O Nazareno [...] rompe, portanto, com a topografia do divino e estabelece uma relação estreita entre **o caminho, a universalidade e o amor** (Freitas, 2022, p. 135, grifo nosso).

Essa universalidade religiosa ensina que o amor de Deus é para todos, e não para um grupo seleto de pessoas. Portanto, pode-se afirmar que o amor, presente na Paideia Cristã, fundamenta o sentido emancipatório do ato cristão de educar.

2.1.6 A continuidade da Paideia Cristã após Jesus Cristo

Mesmo após a sua partida, os apóstolos de Jesus Cristo continuaram a ensinar pregando o evangelho a todas as pessoas, além de ministrar os sacramentos deixados por ele, que servem, segundo a tradição cristã, para inserir as pessoas na vida cristã e para ajudá-las a seguir o caminho da fé (Igreja Católica, 2000). Outras figuras importantes, como o apóstolo Paulo, surgiram posteriormente e muito contribuíram para a disseminação da fé cristã anunciando a boa nova da ressurreição de Cristo.

A continuidade da Paideia Cristã por parte dos discípulos foi um ato de atendimento ao seu convite para levar o ensinamento a todas as criaturas. Faz parte da missão apostólica fazer com que Cristo ainda se torne presente no meio das pessoas através da Igreja, que é seu corpo. E o apóstolo Paulo se apropriou muito dessa visão:

Sendo uma espécie de “outro Cristo” no mundo, as pessoas contribuiriam na transformação da realidade local. Neste sentido, a missão de fazer o Messias conhecido e presente na vida do povo é de todos, permitindo a eles assumirem um novo paradigma para sua existência, pois a Carta aos Romanos é dogmática ao dizer que “Deus não faz acepção de pessoas” (Rm 2,11). E se não é próprio Dele segregar a fim de selecionar os melhores, também não deveria ser o Cristianismo a fazê-lo; ao contrário, Paulo torna-se expressão clara da universalidade do Dom de Deus, sua mensagem transpõe limitações territoriais e culturais para testificar, mais uma vez, a possibilidade de assumir a mensagem de Jesus quem a ela quisesse ouvir e se colocar gratuitamente a seguir. (Freitas, 2022, p. 139)

Essa pedagogia Paulina de imitar a Cristo, como modelo a ser seguido, faz parte da inspiração na formação educativa grega, em contraposição ao modo judaico de ensinar (Freitas, 2022). Então Cristo, sendo perfeito, já que é Deus, é o caminho a ser seguido negando-se tudo o que se contrapõe a ele.

Portanto, esse compromisso de educar para uma vida comunitária, seguindo todos os ensinamentos do mestre Jesus em uma pedagogia de amor, vivendo como ele viveu, foi a base do ensinamento da Igreja primitiva. Para isso, o uso de cartas – sendo muitas delas pertencentes ao cânon bíblico – foi essencial para manter a unidade da Igreja – corpo de Cristo – mesmo com seu crescimento, número de fiéis e abrangência territorial.

O desafio de expandir a mensagem de Jesus envolvia vários riscos: além da perseguição vigente até o século III, Paulo também teria de lidar com a possível rejeição sentida nas igrejas onde sua evangelização ocorreria. As cartas exprimiam um sentido de cuidado e acompanhamento, mais do que apenas exortações. Tal atitude de Paulo encontra no próprio Jesus uma inspiração, pois a Pedagogia Cristã não deveria ser meramente por correspondências, mas como fruto de uma escuta sincera, responsável e implicada na vida das comunidades (Freitas, 2022, p. 140).

Dessa forma incorreu o crescimento da Igreja, com sua pedagogia acolhedora e emancipatória, fazendo chegar a ideia do amor misericordioso de Deus a todas as pessoas, promovendo a formação integral do ser humano através da mensagem de Cristo, que se tornou o modelo a ser imitado por todos.

2.2 Educação cristã antes e no início da idade média

Tendo passado pela parte inicial da Paideia Cristã, com a continuidade do modo de ensinar de Jesus Cristo, a igreja continuou a crescer e a se desenvolver conforme novas questões surgiam, seja no campo moral, relacionadas à matéria de fé, seja no campo social. A passagem do judaísmo para o Cristianismo foi conturbada

por causa de grandes embates doutrinários (Santos, 2021). Essas tensões resultaram em perseguições ao Cristianismo por um longo período.

Ainda, em se tratando da ação educativa/formadora de Jesus, esta é consagrada pelos trabalhos profícuos de muitos autores cristãos que, desde a Antiguidade, dedicaram-se a ensinar, difundir a essência da Boa Nova, defender e consolidar as matérias de fé e tradição apostólica (Freitas, 2022, p. 145).

Portanto, a continuidade do ensino cristão é feita por trabalho de autores relevantes para a formação catequética. Essa formação desempenhou um papel importante para a Igreja Católica de modo que muitos desses autores receberam o título de doutores da Igreja. Tal catequese foi fundamental no combate a diversas heresias que ameaçavam a doutrina cristã, visto que questionavam e tentavam anular verdades de fé fundamentais para o Cristianismo.

É o momento da fixação da doutrina e do culto litúrgico, aos poucos vai surgindo e se organizando uma estrutura própria do cristianismo. No primeiro momento, o ensino é feito por uma variedade de escritos que tinham como objetivo apresentar a vida cristã através da sagrada escritura, dos valores sacramentalistas e dos perigos das doutrinas heréticas (Santos, 2021, p. 31).

Interessante notar a preocupação forte com o lado transcendental, visto que a abordagem de ensino procura acentuar questões de cunho espiritual, vislumbrando um caminho de mortificação e autodomínio.

Embora para muitos filósofos cristãos importantes a ideia central de suas formas de ensino fosse uma catequese visando a conversão das pessoas com a consequente salvação de suas almas, muitos métodos de ensino se tornaram importantes para a filosofia cristã e de inspiração para formação integral do ser humano. Nesse contexto, encontra-se a Patrística como referência a padres da Igreja com expressa dedicação à formação cristã do ser humano (Santos, 2022). É um período de relevantes obras escritas que até os dias atuais têm um papel importante na formação acadêmica de futuros docentes.

2.2.1 Patrística

Por Patrística entende-se o período de ensinamentos e reflexões teológicas exercidos pelos padres da igreja, que foram grandes pensadores cristãos – conhecidos como doutores da igreja – após o início com os primeiros apóstolos

católicos. Esse período se inicia no século I e vai até, aproximadamente, o século VIII (Freitas, 2022).

Dentro da Patrística vários padres se dedicaram a pensar a formação cristã. João Crisóstomo têm uma série de catequeses sobre o batismo, as quais buscamos como orientadoras dos catecúmenos em sua jornada formativa. Tomamos também dentro da prática pedagógica da Patrística, Clemente de Alexandria, com a obra O Pedagogo, considerado como catecismo do cristão. Segundo Clemente, Cristo é o pedagogo que como mestre interior conduz o homem a uma vida nova (Santos, 2021, p. 31).

Nesse período, houve a ratificação da doutrina católica, declarando verdades de fé como a natureza de Cristo: união hipostática entre a natureza humana e a natureza divina de Jesus; a trindade: três pessoas divinas (pai, filho e espírito santo) em um único Deus; a relação entre a fé e a razão; a interpretação das escrituras inspiradas pelo próprio Deus; e a defesa da fé contra diversas heresias.

Esse é um período extremamente fértil para a fé cristã. Em meio a todo o processo de formação e edificação tem-se em suas facetas todo um processo próprio, e não foi edificado facilmente, lembramos os conflitos entre judeus e cristãos, as dificuldades para a fixação do cânon bíblico, as perseguições que levaram a vários martírios, a infiltração de doutrinas gnósticas, as heresias trinitárias e cristológicas. As práticas educativas vão surgindo dentro da nova mentalidade proporcionada pela fé cristã, e assim incorporou a noção de comunidade na consideração sobre a família. É repensada a noção de autoridade manifestada no amor e dedicação aos filhos (Santos, 2021, p.31).

Aqui é possível observar a estruturação da igreja em busca do ensinamento de verdades relacionadas à fé, principalmente no que concerne o combate a heresias, que são crenças ou doutrinas divergentes ou contrárias às estabelecidas pelo Cristianismo (Moura, 2018). Seguem abaixo algumas das heresias mais combatidas:

- **Gnosticismo:** A salvação é alcançada pelo conhecimento espiritual, e não pela fé. Há a existência de um conhecimento secreto que separa os gnósticos das pessoas comuns.
- **Arianismo:** Nega a divindade de Cristo afirmando ser ele uma criatura de Deus Pai, o que contraria veementemente a doutrina da trindade.
- **Pelagianismo:** Teologia que nega o pecado original herdado dos primeiros humanos – também chamado de pecado por herança -, afirmando também não haver uma predisposição humana a pecar.
- **Nestorianismo:** Contraria a doutrina católica da união hipostática entre a natureza humana e divina de Cristo, pois alega que, embora haja as duas naturezas, elas são totalmente separadas e independentes entre si.

- **Monofisismo:** Afirma que Jesus Cristo possui apenas uma natureza, ou humana, ou divina.
- **Donatismo:** Afirma que os sacramentos ministrados só possuem valor quando por pessoas dignas e santas.

Em combate a tais heresias, os padres da igreja desenvolveram diversas obras que são registros de enorme valor, utilizando-se de artifícios da cultura grega e tendo como objetivo a união entre fé e razão, trazendo para o cristianismo valores do pensamento grego.

Os registros destes Padres ficaram conhecidos como *literatura patrística* e assinalaram fortemente a tradição teológica cristã pelo valor das suas obras e original qualidade de suas doutrinas, gerando uma influência fecunda no seio do Cristianismo primitivo, estabelecendo uma estreita união entre escritura bíblica e a tradição eclesial, consignando as profissões de fé e forjando as estruturas fundamentais da organização da Paideia Cristã (Freitas, 2022, p. 145).

Esses padres tinham o conhecimento da filosofia grega, principalmente da filosofia platônica, que serviu de inspiração para a evolução da Paideia Cristã (Santos, 2021). Dessa forma, a busca pela razão se unia à fé, pois aquela ajudaria o homem a vencer as paixões, iluminado por esta.

Dentre os principais autores encontram-se Santo Agostinho, São Jerônimo, São Gregório Magno, São Clemente, Santo Atanásio, São Cipriano, Tertuliano, entre outros, sendo o primeiro o principal nome da Patrística, destacando-se como combatente das heresias supracitadas.

O período Patrístico constitui-se como uma das mais importantes páginas da Cristandade. Os Padres da Igreja, com os seus métodos teológicos e filosóficos, fizeram-se vozes autênticas da tradição epistemológica cristã. Estes escritores contribuíram seguramente dentro das condições históricas, objetivas e materiais de cada período, para formar o patrimônio da concepção de fé dos cristãos e alicerçar a experiência catequética como forma de ensinamento. Considerá-los neste estudo é deveras importante, assim como reconhecer a vinculação do aspecto religioso do Cristianismo e sua original perspectiva pedagógica, perceber-nos e admitir a fé como matéria educacional: a *Didaqué* (Freitas, 2022, p. 169).

Portanto, a importante contribuição literária dos padres autores desse período, trabalhando em uma concepção cristã de educação voltada à edificação da fé, fez da Patrística um ponto importante na história da Igreja. Em matéria educacional, o *Didaqué* se refere ao catecismo do cristianismo primitivo, como instrução apostólica.

O termo *Didaqué* possui a mesma raiz grega da palavra “Didática”, sendo ambos correlacionados ao ato e a aptidão para ensinar:

A palavra didática vem do grego, deriva do verbo *didasko*, que significa: ensinar, instruir, expor claramente, demonstrar. Portanto, *didaktikós*: apto para docência; *didaktiké*: ensinando; e, *didaskalía*: ensino, com uma acepção dupla no campo do ensino e teatro. Assim, entendemos que, etimologicamente podemos falar de didática como arte ou ciência do ensino. (Fazenda, 1998)

Mas foi na Igreja africana que padres importantes marcaram a Paideia Cristã com a elaboração de formas de pensar e ensinar a mensagem de Jesus que transformaram a teologia, sendo a filosofia de Agostinho a mais proeminente no período Patrístico, de modo que esse autor merece uma maior atenção quando o assunto é educação cristã.

“Agora, Senhor, tudo aquilo é passado e o tempo abrandou minha dor. Que eu aprenda de Ti, que és a Verdade, e aproxime os ouvidos do meu coração da Tua boca [...]” (Agostinho, 2021, p. 61). “Veja, lá está Ele, onde a verdade é amada. Ele está dentro, no mais íntimo do coração, ainda que este tenha se afastado Dele.” (Agostinho, 2021, p. 66)

Santo Agostinho foi um bispo católico que viveu entre os anos 354 e 430, tendo sido responsável pela igreja de Hipona, cidade na província romana da África, em território que atualmente pertence à Argélia. Viveu em uma época em que não havia mais as perseguições do império, mas a Igreja enfrentava grandes disputas doutrinárias (Peinado, 2010).

Ele é considerado um dos principais sacerdotes da igreja Católica, tendo contribuído com diversas obras, entre cartas e livros, que serviram e ainda servem de inspiração para o estudo da fé católica no mundo. Inspirou-se nas ideias de Platão e trouxe a filosofia platônica para o pensamento religioso a fim de melhor compreender fé para, segundo ele, que se creia ainda mais em Deus, em uma forte relação entre fé e razão. No livro “A Cidade de Deus”, em clara alusão ao mundo das ideias de Platão, o autor afirma que o mundo ideal é o mundo de Deus e o que o mundo das coisas é o mundo dos seres humanos (Agostinho, 1977).

Para Agostinho, a verdade é alcançada através da fé e a comprovação dessa verdade através da razão, por isso os estudos fizeram parte da vida desse santo doutor. Com a filosofia de Platão, buscou distinguir o cristianismo do paganismo:

Como podemos ver, suas origens e primeira formação remetem ao então denominado *mundo pagão*, para distinguir do que se considerava como *mundo cristão* durante o pleno processo de paulatina conquista hegemônica. Agostinho, com um exímio preparo humanístico que lhe permitiu exercer a docência na qualidade de professor de retórica, atuando inclusive na alta cúpula do Império, marcou orgânica e estruturalmente a Paideia Cristã. Após a conversão, colocou a serviço da Igreja toda a sua profundidade, incluindo na pauta da sua atividade pastoral a centralidade de questões educacionais entre os cristãos (Freitas, 2022, p. 166).

Agostinho estudou arduamente sobre o pecado original – o qual defendeu a existência veementemente em combate ao pelagianismo – e o mistério da Santíssima Trindade, empregando décadas de dedicação a fim de compreender a relação de três pessoas em uma única divindade (Peinado, 2010).

A união hipostática, ao contrário do arianismo, do nestorianismo e do monofisismo, afirma que Jesus Cristo é totalmente Deus e totalmente homem, como se pode observar no Credo Niceno-Constantinopolitano de 325:

[...] um só senhor, Jesus Cristo, filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos. Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai [...] (Igreja Católica, 2000, p. 58)

Sobre o pecado original, o sacerdote católico, no livro “Confissões”, expõe suas tendências pecaminosas que dificultaram o seu lento processo de conversão, afirmando haver dentro dele um forte desejo de unir-se a Cristo, mas, por outro lado, a vontade carnal de permanecer na vida pecaminosa (Agostinho, 2021).

Sua trajetória em direção à fé deu-se a partir de seu encontro com a filosofia neoplatônica e com os sermões de Santo Ambrósio, que despertou grande atenção em Agostinho. De Santo Ambrósio aprendeu o método alegórico para a interpretação da Sagrada Escritura. Esse método busca escondido nos contextos históricos e nos gêneros literários o sentido espiritual de cada texto bíblico. A descoberta deste método foi o grande passo para a reorganização do pensamento agostiniano. Passou a compreender melhor as escrituras, e a partir de então colocou em suspeição o materialismo. Entretanto, ele ainda não estava totalmente seguro da novidade que abraçava. O que concluiu foi que estava buscando conhecer a verdade cristã por caminhos e meios errados, o maniqueísmo e o ceticismo. Com eles também foi levado ao erro de investigar a sabedoria, submetendo a razão e a ciência e desprezando a fé. (Santos, 2021, p. 56)

O acesso à filosofia neoplatônica se deu com a leitura do pensamento de Platão traduzindo para o latim, idioma que era de domínio de Agostinho. Isso foi muito importante para a sua conversão em concomitância com os sermões de Ambrósio, culminando na cristianização do pensamento platônico.

É importante salientar que Santo Agostinho se converteu ao cristianismo somente aos 30 anos, fazendo parte, antes disso, do maniqueísmo. Também teve um filho que se chamava Adeodato e que faleceu pouco tempo antes de (Agostinho) se tornar bispo (Peinado, 2010).

Em sua obra “De Magistro”, Agostinho expõe uma filosofia de ensino voltada aos sentidos, do uso da linguagem e dos símbolos com novas visões acerca da pedagogia cristã:

E quando nos deparamos com palavras escritas? São palavras, ou devemos considerá-las, mais exatamente, como **signos** de palavras? A palavra é precisamente o que se profere com a voz articulada em vista de um **significado** determinado. Mas a voz só pode ser percebida pelo **sentido** da audição. Assim sucede que, quando se escreve uma palavra, faz-se um **signo** para os olhos mediante o qual vem à nossa mente o que compete aos ouvidos (Agostinho, 2017, p.33, grifo nosso).

Mas tudo isso somente é possível, segundo Agostinho, graças à existência de Jesus Cristo, que é o verdadeiro mestre e o primeiro de todos os educadores. Em diálogo com seu filho Adeodato, registrado em “De Magistro”, Agostinho (2017, p. 111) afirma:

Os homens se enganam, pois, ao chamar de mestre aqueles que não o são, porque, na maioria das vezes, não veem que há um intervalo entre o momento da fala e o do conhecimento; e porque aprender interiormente logo após a explicação do professor, julgam ter aprendido daquele que explicou exteriormente. [...] Por ora, já te adverti a não atribuir-lhes mais do que convém, para que não só creiamos, mas comecemos a compreender como é verdadeiro aquilo que foi escrito por autoridade divina, que na terra não chamemos ninguém de mestre, pois o único Mestre de todos está nos céus. E o que significa “está nos céus” no-lo ensinará Aquele que, por meio dos homens e dos seus signos, nos admoesta externamente a nos voltarmos para Ele interiormente, para que sejamos instruídos. Amá-Lo e conhecê-Lo: eis a vida bem-aventurada, que todos proclamam buscar, mas que poucos se alegram por verdadeiramente ter encontrado.

Diante das dificuldades encontradas na Igreja africana por causa das disputas internas em defesa da fé contra a heresia do donatismo, Agostinho trabalhou arduamente com muito estudo, desenvolvendo especulações e seguindo uma metodologia, sendo isso constatado em suas argumentações lógicas (Freitas, 2021).

Defendendo a Igreja como Corpo de Cristo, Agostinho teve a relação entre fé e igreja como algo muito profundo em seu pensamento teológico (Freitas, 2021). É neste ponto que a figura de Maria, mãe de Jesus Cristo e, conseqüentemente, segundo o dogma cristão, mãe de Deus, se faz presente no combate a heresias que negavam a natureza divina de Jesus Cristo ou sua íntima ligação com a natureza humana.

Na tradição apostólica, Maria é reconhecida como Mãe de Deus. Essa definição não quer dizer que Maria seja a origem da divindade de Jesus, mas que ela deu à luz a Jesus Cristo, que é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Como Jesus é uma única pessoa com duas naturezas (divina e humana), Maria é chamada Mãe de Deus porque ela é mãe da pessoa de Jesus, que é Deus (Sesboüé, 2015).

Intrinsecamente associada à teologia *Christus totus* de Agostinho, encontramos a relação íntima de Cristo com sua Igreja, analogamente apresentada como uma união esponsal, por meio da qual o Senhor e seu corpo vêm chamados respectivamente de Esposo e esposa. A união do Esposo que ama a sua esposa como ao seu próprio corpo torna-se arquétipo da união conjugal, a expressão de um amor que é bondade infinita, desinteressada e enriquecedora (Freitas, 2021, p. 109).

Portanto, tem-se na relação entre Cristo e seu corpo a relação e um amor Ágape, que se doa sem medida e sem esperar nada em troca. Esse amor de Deus se faz presente e aceita os membros de seu corpo – os fiéis – mesmo com todos os seus defeitos. Isso foi o ensinamento de Cristo, que desde a origem da Paideia Cristã acolheu a todos e emancipou os que estavam abandonados à margem da sociedade. Portanto, Agostinho mostrou que o donatismo era contrário a fé cristã – e, portanto, herético -, pois era uma seita que marginalizava, que escolhia os que eram puros segundo seus critérios para serem dignos do Senhor.

2.2.2 Escolástica

A concepção de educação presente na tradição cristã, especialmente na Idade Média, é profundamente influenciada pela obra de São Tomás de Aquino. Integrando os princípios da filosofia aristotélica à teologia cristã, o tomismo fundamenta uma visão de educação que ultrapassa a mera instrução técnica ou intelectual, propondo uma formação integral do ser humano.

Na tentativa de conciliação entre fé e razão, a Escolástica sucedeu o período da Patrística, sendo liderada por São Tomás de Aquino. Foi um período longo com diversos acontecimentos na Europa medieval que pode ser dividido em três fases, sendo “Pré-escolástica”, “Alta Escolástica” e “Baixa Escolástica”, conforme se pode ver no quadro a seguir:

Tabela 1 – Fases da Escolástica

	Ideias	Legado	Principal figura
Pré-escolástica	Forte influência da patrística em que carrega consigo a ideia de se crer para compreender. Santo Anselmo tinha como lema “a fé que procura entender”.	Tentativa de sistematização do saber cristão.	Santo Anselmo
Alta Escolástica	- Traz as ideias de Aristóteles para o cristianismo a fim de elaborar provas da existência de Deus, o que São Tomás chama de via racional que leva a Deus; - Fé e razão passam a ter relação inversa, em que o conhecimento precede a fé.	Criação de universidades e produção de grandes obras filosófico-teológicas.	São Tomás de Aquino
Baixa Escolástica	Mudança do pensamento teocêntrico para o antropocêntrico, encabeçado pelo Renascentismo.	Declínio do método escolástico e ascensão de novos paradigmas filosóficos.	Guilherme de Ockham

Elaborada pelo autor

O período da “Alta Escolástica” foi o de maior desenvolvimento do pensamento, com grande destaque para a estruturação do ensino na Europa medieval, em que as universidades passaram a utilizar o debate entre fé e razão, com grandes doutores da igreja católica defendendo seus posicionamentos (Bogaz, 2008).

São Tomás de Aquino, doutor da igreja católica, procurou harmonizar a fé e a razão através do pensamento aristotélico. Diferentemente de Santo Agostinho e de Santo Anselmo, São Tomás acreditava que era através do conhecimento racional que o ser humano chegaria à fé. Portanto, era necessário conhecer a Deus para crer nele. (Bogaz, 2008)

Diante disso, São Tomás não mediu esforços em produzir materiais que ajudassem no entendimento do cristianismo e na relação entre Deus e a humanidade. Sua obra mais importante é a “Suma Teológica”, em que ele explica os pontos da fé cristã de forma racional. Essa obra inspiraria, posteriormente, a ordem religiosa “Companhia de Jesus” na elaboração do programa de ensino brasileiro do período colonial (Saviani, 2021).

No decorrer da Idade Média, a Paideia cristã consolidou-se como um modelo formativo que integrava os elementos da tradição greco-romana com os fundamentos teológicos do cristianismo. Nesse contexto, a contribuição de São Tomás de Aquino foi determinante para o desenvolvimento de uma concepção cristã de educação que visava a formação integral do ser humano.

Influenciado por Aristóteles, Aquino estruturou uma síntese entre fé e razão que se tornou a base da escolástica medieval, e que teve profunda repercussão nas instituições educativas da época, como as escolas monásticas, catedrais e, posteriormente, as universidades – período da Alta Escolástica. Para ele, a educação não deveria se restringir à transmissão de conhecimentos, mas orientar o ser humano à realização de seu fim último, que é a comunhão com Deus. (Bogaz, 2021)

Tendo vivido entre os anos de 1225 e 1274, São Tomás de Aquino foi membro da *Ordo Praedicatorum* (Ordem dos Pregadores), também conhecida como Ordem Dominicana ou Ordem de São Domingos.

Na sua obra “Suma Teológica”, São Tomás de Aquino apresenta 5 vias para provar a existência de Deus:

- a) **Primeiro motor imóvel:** Tudo se move após ser estimulado por algo. Antes de se moverem, os seres são potência – possuem a possibilidade de se tornarem diferentes do que são. Ao se moverem, a potência é transformada em ato. Esse algo que estimulou o movimento, também sofreu estímulo para transformar potência em ato. Regredindo dessa forma, conclui-se que é necessário haver o primeiro motor que estimula o movimento e não é estimulado por nada mais a não ser Deus.

- b) **Causa primeira:** Todas as coisas dependem de algo para existir, havendo uma relação de causa e efeito. Regredindo nas relações causa-efeito, tem-se uma causa primeira que não é causada por outra. A essa cause define-se Deus.

- c) **Ser necessário:** Os seres existem, mas poderiam não existir, pois dependem de outro ser necessário para a sua existência. Regredindo, chega-se ao ser necessário que possui em si mesmo a razão de sua existência, não dependendo de outro ser necessário e sendo necessário para a existência de todos os outros seres. Esse ser é Deus.

- d) **Graus de perfeição:** Todas as coisas possuem um grau de perfeição. Não são perfeitas em sua totalidade, mas em alguns atributos. Dessa forma, entende-se que deve haver um ser que contém todos os atributos em seu grau de perfeição ao máximo, já que o grau de perfeição se atribui em relação à proximidade com o grau máximo, que é perfeito.

- e) **Finalidade do mundo:** No mundo, as coisas possuem finitude. Às vezes, a finitude de algo marca o início de outras coisas. Se tudo tem uma finalidade, então há alguma governança exercida por uma força inteligente capaz de controlar tudo. É uma inteligência criadora e ordenadora, que só pode, segundo Aquino, ser Deus.

Em se tratando de educação, as ideias filosóficas de São Tomás de Aquino contribuíram para o desenvolvimento da metodologia de ensino jesuíta. A proposta educativa tomista, inserida na lógica da Paideia cristã, revela-se como um caminho de formação plena, integrando razão, fé e moralidade em vista da perfeição humana e da salvação eterna. Tal perspectiva marcou profundamente a história da educação

cristã e ainda hoje inspira reflexões sobre o papel formativo da escola no desenvolvimento da pessoa humana.

Além disso, São Tomás de Aquino atribui ao educador uma função essencial: a de mestre, aquele que guia o aluno na descoberta da verdade. Ele afirma que “ensinar é causar ciência na alma do discípulo” (Aquino, p. 117, 2017), ou seja, a tarefa do mestre não é impor conhecimento, mas colaborar com o desenvolvimento racional e moral do estudante, ajudando-o a ordenar suas faculdades ao bem maior.

No período de declínio da Escolástica, houve o surgimento da corrente racionalista com uma mudança de centralidade em Deus para uma centralidade no ser humano – mudança de teocentrismo para antropocentrismo, encabeçada pelo movimento renascentista. Em tal contexto surge a figura de Guilherme de Ockham, frade franciscano que viveu entre 1287 e 1347. Filósofo e teólogo advindo da tradição escolástica, Ockham se destacou por sua postura crítica em relação às tentativas de harmonização entre fé e razão promovidas por São Tomás de Aquino no período de destaque da Escolástica. (Cancian, 2025)

Sua visão racionalista representa uma ruptura significativa com o modelo escolástico, baseado na autoridade dos textos clássicos e na busca de sínteses racionais entre filosofia e teologia. Ao privilegiar a lógica, a análise da linguagem e o papel da experiência, Ockham contribui para o nascimento de uma abordagem mais crítica e analítica no ensino universitário, preparando o terreno para o desenvolvimento posterior da ciência moderna.

No entanto, como sacerdote católico, Ockham não abandona a fé cristã, pelo contrário, reafirma a centralidade da Revelação como fonte privilegiada do conhecimento de Deus. Desse modo, ele apresenta tanto uma crítica interna à tradição escolástica quanto uma reafirmação de princípios fundamentais da formação na moral cristã do ser humano. (Cancian, 2025)

2.3 Educação cristã jesuíta

Posteriormente, em se tratando da educação brasileira, com a forte influência sobre a monarquia, a igreja foi capaz de exercer um papel de destaque na elaboração

do currículo nacional, levando-se em consideração, principalmente, a ordem religiosa “Companhia de Jesus”, fundada por Santo Inácio de Loyola.

Mas, é importante, de início, elucidar que o ensino dos indígenas fora feito em forma de evangelização. Não se buscava tanto o ensino de habilidades para o labor e crescimento profissional, mas apenas a conversão das almas. A coroa portuguesa, de início, deu total autonomia para a igreja católica cuidar dessa questão. As primeiras missões foram voltadas à catequização dos indígenas a fim de “libertá-los do paganismo”. (Saviani, 2021)

Também, é importante identificar a influência cristã na inserção do afeto em sala de aula, tornando a relação entre estudante e professor mais agradável e tendo o amor como impulso para o direcionamento das ações pedagógicas, amor esse que, na vertente cristã, ganha um significado totalmente diferente daquele visto fora do contexto religioso. Isso porque diversos autores famosos já fizeram tal abordagem, como Jean Jacques Rousseau e Johan Pestalozzi, sendo ambos de origem cristã, mas também com diversas críticas expostas contra o cristianismo.

A inserção do *Ratio Studiorum* na educação brasileira iniciou o sistema de ensino do país na época com uma organização estrutural bem avançada para os padrões exercidos até então. Tal sistema solucionou um duradouro problema de alfabetização e catequização dos indígenas. Já que não se sabia, ao certo, como promover o ensino a pessoas com características culturais tão diferentes das encontradas na Europa. (Saviani, 2021)

Posteriormente, a educação já estruturada vislumbrava muito mais que a catequização, afinal, ela não era voltada apenas aos indígenas, era também destinada à nobreza que já residia em solo brasileiro. No entanto, não era o mesmo tipo de ensino que estava destinado a todas as pessoas, havia uma divisão de ensino levando em consideração o que era tido pelos sacerdotes jesuítas e pela coroa portuguesa como o necessário ser ensinado para a nobreza e o necessário para os mais pobres, separadamente.

Assim sendo, uma educação mais complexa era fomentada tendo em vista as habilidades que eram almejadas pelos nobres herdeiros, a fim de exercer seu labor com excelência. Quanto aos demais, uma catequese, com conhecimento básico da

doutrina da igreja, junto com o ensino de habilidades básicas de cálculo e leitura era considerado mais que o suficiente, tendo em vista que para o restante havia o claro intuito de mantê-los em suas posições de inferioridade, com a fé na igreja católica e com a confiança nos ensinamentos dos sacerdotes religiosos. (Saviani, 2021)

Portanto, para se pensar na educação escolar cristã brasileira, é importante, inicialmente, analisar as origens das ideias educacionais que corroboraram para o fortalecimento do ensino religioso na Europa, em que a igreja católica saiu da posição de perseguida para uma posição de destaque, exercendo enorme influência sobre os monarcas do velho continente. Se outrora a igreja era perseguida pelo império romano desde a sua fundação, tal posicionamento começou a mudar desde Constantino.

Com sua crescente influência, a igreja passou a exercer papel determinante em muitas questões políticas, tendo, em alguns momentos, mesmo que indiretamente, mais poderes que a realeza.

Tendo um temor a Deus, receando sofrer retaliações da igreja que culminassem em penas pesadas, como a excomunhão e a consequente condenação ao inferno, diversos monarcas da época cediam a pressões da igreja para tomar decisões de acordo com a sua vontade. Isso incluía determinar que livros poderiam ser lidos, o que poderia ser ensinado nas escolas e até mesmo o que era a verdade das coisas. Desse modo, como detentores da verdade, os sacerdotes católicos tinham prestígio e respeito também pela sociedade, até que tudo se perdesse com sua expulsão pelo Marquês de Pombal. (Saviani, 2021)

2.4. A Paideia Cristã na revolução industrial

Interessante observar que o cristianismo, em especial a igreja católica, enfrentou momentos de altos e baixos no decorrer da sua história em solo brasileiro, usufruindo de ocasiões de grande influência e prevalência de seus valores em detrimentos dos ideais do Estado, bem como enfrentando momentos de turbulências e contradições, chegando, em dado momento, com mudanças de postura sob influência da Santa Sé, a resgatar valores antigos da Paideia Cristã que vislumbravam uma posição em defesa dos marginalizados, perseguidos e menos favorecidos, como é possível constar no documento *Rerum Novarum* – Direitos e Deveres do Capital e

do Trabalho -, encíclica emitida pelo Papa Leão XIII, em 1891, por ocasião da Revolução Industrial:

Em todo o caso, estamos persuadidos, e todos concordam nisto, de que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida. O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas, que eram para eles uma proteção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada. A usura voraz veio agravar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância, e de insaciável ambição. A tudo isto deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito, que se tornaram o quinhão dum pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários. (Leão XIII, 1891)

A crítica feita na encíclica papal do final do século XIX deu-se por causa dos inúmeros malefícios que a transformação nas indústrias causou às classes inferiores, referindo-se aos mais pobres, aumentando a desigualdade em um cenário em que os empresários se tornavam cada vez mais ricos e as famílias pobres passavam fome.

Esse sentimento de movimento social, iniciado de forma veemente pelo Papa Leão XIII serviu de base para o surgimento de diversas frentes religiosas, algumas delas ganhando notoriedade no período da ditadura militar no Brasil. Como destaque, é importante mencionar a Teologia da Libertação, movimento liderado pelo padre peruano Gustavo Gutiérrez, que chegou ao Brasil como crítica às mazelas sofridas pela população marginalizada que vivia em situação de opressão, sob a qual não se podia libertar. Esse movimento foi tão forte que ultrapassou as barreiras da Igreja Católica, atingindo o movimento de libertação no cunho educacional, como acontecera com Paulo Freire, figura expoente influenciada pelo movimento religioso. (Lowy, 2016)

Essa postura nos remete ao cristianismo primitivo de cunho emancipatório, em que a mensagem de Jesus Cristo se mostra de voltada para o campo social, numa clara preferência pelos mais pobres. Esse Jesus Cristo periférico se faz novamente presente em território brasileiro, resgatando valores perdidos por membros da igreja no período colonial do país.

Sobre a teologia da libertação, Lowy (2016, p. 85) afirma:

O novo movimento social surgiu primeiramente entre os grupos que estavam localizados na interseção desses dois grupos de mudanças: os movimentos laicos (e alguns membros do clero), ativos entre a juventude estudantil e nas comunidades mais pobres. Em outras palavras, o processo de radicalização da cultura católica latino-americana que iria levar à formação do Cristianismo da Libertação não começou, de cima para baixo, dos níveis superiores da Igreja, como a análise funcionalista que aponta para a busca de influência por parte da hierarquia sugeriria, e nem de baixo para cima, como argumentam certas interpretações “de orientação popular” e, sim, da periferia para o centro.

Tanto o movimento da Teologia da Libertação quanto Paulo Freire, declaradamente cristão, atuaram em oposição ao Estado brasileiro com esse movimento social de preferência pelos pobres, da mesma forma que atuaram Jesus Cristo e os primeiros cristãos. E, mais uma vez, foi um movimento que gerou perseguições.

3 UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS INFLUÊNCIAS DA CONCEPÇÃO CRISTÃ DE EDUCAÇÃO NA VIDA ESCOLAR BRASILEIRA

Este capítulo aborda a conjuntura da educação cristã e seus embates no campo jurídico e social durante o período colonial no Brasil. Para tanto, é importante compreender, primeiramente, o contexto em que se encontrava o cristianismo naquela época, que se desenhou desde o início das missões jesuíticas em solo brasileiro, perpassando brevemente por uma compreensão histórica acerca da sua contribuição para a educação de uma maneira geral.

Tem-se sempre um destaque para a ordem religiosa Companhia de Jesus pelo fato de ser, até dado momento, responsável pelo desenvolvimento do ensino formal em solo brasileiro. Mas, além disso, outras ordens religiosas também tiveram papel importante no período estudado, como os beneditinos e os franciscanos, resgatando, por vezes, as ideias da Paideia Cristã primitiva de justiça social e opção pelos vulneráveis e desfavorecidos, mesmo que se utilizando de uma educação informal.

Em contrapartida, outros movimentos religiosos ou sacerdotes pertencentes às ordens supracitadas realizaram ações contrastantes com os ideais primitivos do cristianismo, intensificando as desigualdades e trabalhando a favor das classes dominantes. Essa visão opositora à Paideia apresentada por Jesus Cristo incitava a desvalorização do indígena como pessoa humana, colocando-o em posição de inferioridade, chegando ao ponto de corroborar com sua escravização.

3.1 O movimento educacional cristão no Brasil

No início do movimento educacional brasileiro, o ensino era voltado à catequese dos indígenas, tendo a contribuição das ordens religiosas que vieram a solo brasileiro incumbidas justamente dessa missão. Com sua visão etnocêntrica, os portugueses queriam transmitir a sua verdade aos povos originários, mostrando-lhes o caminho da conversão.

De início, foram os franciscanos os executores desse importante papel, sendo os primeiros evangelizadores do Brasil em um grupo inicial de oito missionários que chegaram pela caravana de Pedro Álvares Cabral. Posteriormente, houve, de

certo, a contribuição fundamental de outras ordens religiosas, com o ápice da missão acontecendo com os jesuítas (Saviani, 2021).

Para tanto, os missionários trataram de aprender os idiomas utilizados pelos indígenas, em especial a língua tupi, a fim de interagirem e imergirem em sua cultura como forma de conquistar sua confiança, o que pode amplamente ser observado na figura do padre José de Anchieta (Pereira, 2006).

Com os jesuítas, a estruturação da educação trouxe um crescimento orgânico nas práticas de ensino. Entretanto, esse crescimento possuía suas contradições justamente no modo como acontecia e a quem favorecia, divergências que serão analisadas posteriormente.

Entre os séculos XVI e XVIII, a educação na colônia estava vinculada à política colonizadora de Portugal, cujo objetivo era a obtenção do lucro e, se nas diretrizes básicas estava citada expressamente a população indígena (para catequese e instrução), a vinda de pessoas de pequena nobreza para organizar a empresa exigia que se incluíssem, na empreitada a que se propuseram os jesuítas, os filhos dos colonos. Nóbrega planejava criar recolhimentos nos quais se educassem mamelucos, órfãos e os filhos dos principais da terra, além dos filhos dos colonos brancos (Fávero, 2009 *apud* Mattos, 1958, p. 13).

Conforme a educação cristã ganhava notória formalidade, a ordem Companhia de Jesus ganhava mais destaque, o que gerava receio por parte da coroa portuguesa diante da sua capacidade de persuasão. O medo de perder o domínio sobre as terras brasileiras para a Igreja Católica sempre gerou preocupação para os colonizadores. No entanto, o Estado, por si só, era incapaz de gerir a educação no país recentemente encontrado. (Saviani, 2021)

Os sacerdotes jesuítas eram homens extremamente cultos e com uma formação acadêmica muito avançada. Não foi à toa conseguiram destaque no processo de ensino, já que muito haviam estudado sobre a ensino cristão para a formação do ser humano, tendo como base a filosofia tomista, que se inspirara na conhecida filosofia aristotélica.

Sua capacidade de persuasão e de imersão na cultura indígena foi fundamental para o desmantelamento das crenças e valores desses povos e inserção do modo de vida europeu. Nesse sentido, a Igreja Católica corroborava com a coroa portuguesa em suas intencionalidades.

Embora a educação formal tenha se desenvolvido sob a égide do pensamento jesuíta, a contribuição de outras ordens religiosas fez-se necessária na formação do ideal de ensino cristão em solo brasileiro e com um papel relevante, mas sem ser tão influente na educação formal como era a ordem religiosa Companhia de Jesus.

O período da educação jesuítica ficou dividido em duas fases: a primeira, heroica; a segunda, missionária. O objetivo da primeira fase era catequizar os índios, e o da segunda fase era desenvolver as missões jesuíticas. Portanto, entende-se que na primeira fase o objetivo dos jesuítas era ganhar a confiança dos índios. Na segunda fase, o objetivo era, após ganhar a confiança dos índios, iniciar um processo de desvalorização da cultura indígena, por exemplo, colocando em dúvida todos os ensinamentos do pajé, mesmo que os mais velhos da tribo tivessem grande respeito e consideração pelo mesmo. (Gomes, 2019, p. 18)

Alguns movimentos acenaram para uma educação puramente catequética, havendo apenas a preocupação com pregações que visassem a conversão e salvação das almas. Outras, queria preparar os nativos para trabalhos laborais pertinentes para a cultura europeia e proporcionar o ensino avançado para os nobres residentes em solo brasileiro.

Observe-se que a educação era uma educação à europeia que excluía a instrução do índio (talvez por terem constatado sua impossibilidade) e, considerando os poucos recursos humanos, era necessário concentrá-los em “pontos estratégicos”: os filhos dos colonos em detrimento do índio, os futuros sacerdotes em detrimento do leigo. Da alfabetização, passava-se ao ensino da gramática latina, da retórica e da poética. (Fávero, 2009, p. 15)

Como se pode observar, havia o enfoque na “europeização” do sistema de ensino brasileiro, mas destinado para os nobres. Nesse sentido, a instrução para os indígenas tinha o intuito apenas de “civilizá-los”, transformando-os em cristãos, mas sem que deixassem de ser subordinados aos colonos. Esse modo de ensino negava a cultura dos nativos, classificando-os como inferiores à sociedade europeia.

Mas a emancipação dos indígenas era feita de forma estratégica, não ultrapassando o limite de mudança de classe, ou de acesso a instruções de ensino mais avançadas. Seria impensável, por exemplo, um indígena ingressar nos estudos no seminário para se tornar sacerdote.

3.1.1 O movimento franciscano

O movimento que seguia os ensinamentos de São Francisco de Assis vislumbrava na pobreza em espírito o caminho para se chegar a Deus. Em suas

missões em solo brasileiro, o enfoque catequético voltado aos indígenas não produziu uma educação ordenada que pudesse ser chamada de formal, pois não havia diretrizes para que isso ocorresse. De certo modo, a única preocupação era a salvação das almas, convertendo-as de suas religiões pagãs para o Cristianismo. Com isso, não havia a preocupação com formalidades, já que não se tratava de uma instrução para o labor.

A colonização no Brasil contou com a contribuição imprescindível das ordens religiosas. Pode-se considerar que os primeiros evangelizadores do Brasil foram os franciscanos. Com efeito, o primeiro grupo de oito missionários franciscanos chegou ao Brasil na caravela de Pedro Álvares Cabral, estando, entre eles, o frei Henrique de Coimbra, que celebrou a primeira missa na nova terra no dia 26 de abril de 1500. (Saviani, 2021, p. 39)

A figura do frei Henrique de Coimbra é muito famosa por ter presidido a primeira missa em solo brasileiro. De início, a presença dos franciscanos foi muito incisiva, mas não se configurou em uma missão educativa chancelada e apoiada pela coroa portuguesa.

No entanto, a escassez de obras produzidas por historiadores acerca da atuação franciscana no Brasil leva a uma dificuldade no entendimento aprofundado da missão dessa ordem religiosa no país:

Os Franciscanos, embora militantes na obra missionária da história do Brasil, foram muito pouco lembrados pelos historiadores brasileiros. Da parcimoniosa produção sobre a ação dos Freis de São Francisco de Assis nestas terras, a maioria trata de Crônicas e trabalhos vinculados a historiadores membros da Ordem, cuja característica principal centra-se na questão da crítica à análise lacunar causada pela falta de conhecimentos mais aprofundados sobre a atuação dos franciscanos na gênese e no desenvolvimento do país. (Iglesias, 2010, p. 13)

Alguns percalços sugeriram durante a missão dos Franciscanos em solo brasileiro, como controvérsias com os jesuítas (Iglesias, 2010), que viriam a ter futuramente amplo domínio sobre a educação nacional.

O modo de pensar franciscano gerava um embate com a Companhia de Jesus, pois havia divergências na abordagem missionária. Os franciscanos tinham uma preferência pelos pobres e marginalizados, buscavam a imitação de Cristo em todas as suas ações e, para isso, utilizavam-se da Padeira Cristã do Cristianismo primitivo, daquele praticado por Jesus Cristo, para ensinar através de gestos e ações o caminho para a eternidade. (Iglesias, 2010)

A figura de São Francisco de Assis, fundador da “Ordem dos Frades Menores”, que foi canonizado santo da Igreja Católica justamente por suas ações de amor e fraternidade e de preferência pelo desapego aos bens materiais e pela caridade, influíu muito nas ações da ordem.

Seus gestos foram ensinamentos que fizeram com que seus seguidores agissem da mesma forma, e assim ocorreu com os sacerdotes franciscanos, que também queriam ensinar pelo exemplo de vida, fazendo votos de pobreza, obediência e castidade.

No entanto, em se tratando de matéria de educação, não foi possível perceber um papel de destaque dessa ordem religiosa, o que pode ter contribuído para o seu esquecimento por parte dos historiadores no que se refere ao seu movimento de formação da cultura cristã no Brasil. (Iglesias, 2010)

Ainda assim, a Ordem dos Frades Menores – ordem dos franciscanos – foi responsável pela criação de diversos colégios no Brasil que possuem relevância até os dias atuais, o que demonstra uma forte preocupação com o ensino formal, não sendo essa visão educacional uma exclusividade dos jesuítas.

Na verdade, a sua forma de enxergar a educação e de se preocupar com os nativos não foi interessante para a coroa portuguesa, diferentemente do que se pode atestar em se tratando dos jesuítas, que possuíam um arcabouço teórico-metodológico muito mais condizente com os objetivos de dominação e expansão territorial.

Se para a Ordem franciscana na América, os Colégios tiveram objetivos estritamente missionários, para a Santa Sé, tratou-se de mais uma política de centralização do poder sobre as Missões, sob o comando de Roma. (Iglesias, 2010 *apud* Janeiro, 1979, p. 197)

Desse modo, o encargo educacional ficou voltado aos jesuítas, restando aos franciscanos o cuidado com a assistência religiosa e paroquial. Essa assistência religiosa é a essência do movimento franciscano que, inspirado em seu fundador, buscava ensinar através das obras de caridade o sentimento cristão de compaixão. Portanto, dentro de uma perspectiva educacional informal, pode-se afirmar que os franciscanos ensinavam o cristianismo à maneira de São Francisco de Assis.

3.1.2 A educação jesuíta em Anchieta

Durante sua missão em solo brasileiro, o sacerdote católico da Companhia de Jesus – nome oficial da ordem dos jesuítas – José de Anchieta, não sendo diferente dos demais religiosos que embarcaram no Brasil, preocupou-se bastante com a catequese dos indígenas. Mas, de antemão, é importante frisar que sua figura se fez presente em um longo período de 48 anos de estudo e dedicação. Estudos esses que se fizeram com base em análises de comportamentos e costumes dos povos originários. Isso tudo fazia parte de sua estratégia de “civilização” e “cristianização” dos nativos. (Pereira, 2006)

Sua influência foi muito importante para a missão jesuítica em nosso país, e seus métodos foram utilizados pelos demais padres de sua ordem religiosa pelas regiões costeiras.

[...] não bastava só catequizar, mas também o jesuíta teria que povoar as aldeias indígenas e impor a cultura europeia pelo contato diário, para mudar seu modo de vida, e também para colocar Cristo como crença única. Por isso, entre os principais objetivos dos jesuítas, podem ser citados: formar sacerdotes para catequizar os índios e desmistificar o pajé, e investir na educação das crianças indígenas, impondo a crença religiosa e a cultura europeia por meio do contato diário nas aldeias. Tudo isso levaria a estabelecer conflitos entre o pajé e os jesuítas. (Gomes, 2019, p. 18)

Os conflitos com os pajés se davam pelo caráter de descredibilização dos seus ensinamentos perante os indígenas. E, dotados de tanto conhecimento teológico, com uma base filosófica muito forte e o uso da retórica, somando-se tudo isso ao financiamento dos colonos, a dominação da cultura europeia foi muito bem executada pelos padres jesuítas.

O trabalho de Anchieta não visava uma imposição à força com o uso de violência, embora fosse esse um método de ensino jesuíta muito comum na Europa, que consistia na repetição e nos castigos constantes. No seu plano, havia a ideia de conscientização e a inserção da verdade no coração de cada nativo, que era considerado um pagão, uma ovelha perdida que precisava ser resgatada pelo bom pastor.

Em Anchieta, por sua vez, essas mesmas ideias educacionais encarnavam-se como ideias pedagógicas engendrando os métodos e procedimentos considerados adequados para se atingirem aquelas mesmas finalidades inerentes à filosofia educacional consubstanciada na doutrina da

Contrarreformas e expressas no plano educacional que estava sendo posto em prática. Como hábil conhecedor de línguas, dominando perfeitamente o espanhol, seu idioma nativo, o português que aprendeu ao se radicar em Coimbra e estudar no Colégio dos Jesuítas e o latim, do qual foi estudante dedicado e destacado, Anchieta logo veio a dominar, também, a “língua geral” falada pelos índios do Brasil, cuja gramática organizou para dela se servir no trabalho pedagógico realizado na nova terra. (Saviani, 2021, p.44)

Como forma de se preparar para o desafio assumido no continente recém encontrado, Anchieta aprendeu a língua tupi antiga a fim de se comunicar com os povos originários. Tamanha dedicação possibilitou um contato íntimo com eles, o que facilitou o entendimento dos seus anseios e de sua cultura. Em posse dessa compreensão, Anchieta foi capaz de elaborar uma catequese artística, lançando mão de recursos muito comuns no meio da cultura tupi, o que foi importante para atrair as pessoas e transmitir a doutrina cristã em uma clara manobra pedagógica que tinha uma função educativa e missionária muito bem determinada.

Além disso, os jesuítas foram penetrando nas aldeias dos índios, multiplicando os locais de catequese, colocados em pontos estratégicos ao longo da costa. Esses colégios eram fundados a pedido das elites locais, que contribuíam financeiramente para a manutenção dos mesmos. Como os colégios eram fundados a pedido das elites, estas apresentavam seus bens e seus rendimentos para custear esses colégios. (Gomes, 2029, p. 20)

Embora houvesse outros idiomas utilizados entre os indígenas, variando de acordo com a região, a língua tupi foi a escolhida devido ao fato de ser o idioma praticado pelos povos originários situados nas regiões costeiras do Brasil, sendo os de primeiro contato por parte dos portugueses. Ainda que pudesse haver algumas variações em questão de vocabulário, as diferenças eram mínimas e não prejudicava a comunicação. De fato, não havia, no início das missões católicas, o conhecimento profundo acerca da existência de outros povos Brasil adentro que fizessem o uso de outros idiomas.

Ao lado da inegável semelhança de todos os dialetos tupis, o agrupamento das diversas “castas” resolveu-se na necessidade homogeneizadora que os primeiros missionários viam para lidar com os grupos nativos. Tratava-se de entender para transformar, compreender as culturas indígenas para substituí-las pelo Evangelho. Os jesuítas, desde cedo, determinaram que a catequese, ou a conquista das almas, seria mais facilmente realizada se usassem da língua dos naturais. (Antunes, 2013)

O empenho de Anchieta foi tão grande em disseminar o tupi entre os sacerdotes da missão educativa que elaborou e publicou, em 1595, o livro intitulado “Arte da Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil”:

Temos notícia de que, já em 1556, era usada uma versão manuscrita desta *Gramática* no Colégio da Bahia. O livro acabou sendo impresso apenas em 1595, dois anos antes de sua morte. Segundo a licença de Agostinho Ribeiro, “serviria muito para melhor instrução dos catecúmenos e aumento da nossa cristandade daquelas partes e para com mais facilidade e suavidade se plantar e dilatar nelas nossa Santa Fé”. Anchieta, que missionou no Brasil desde 1553, notava (como seus contemporâneos) a grande semelhança da língua falada pelos indígenas do litoral: os tupis. Em uma carta de 1584, ele observa que todos os povos do litoral “têm uma mesma língua que é de grandíssimo bem para a sua conversão”. (Antunes, 2013)

Como se pode observar, a língua geral, assim determinada as variações do tupi encontradas na região costeira, transformou-se em instrumento educativo por parte dos jesuítas. Desse modo, já é possível observar uma estruturação formal da educação em solo brasileiro, com criação de regras gramaticais que possibilitasse o melhor uso do idioma por parte dos indígenas. De todo modo, tudo isso servia para a conversão dessas pessoas para a fé católica.

A atuação educativa de José de Anchieta o coloca na posição de primeiro professor do Brasil, tendo, em 1554, um ano após o início da sua missão, fundado o Colégio de São Paulo de Piratininga. (Saviani, 2021)

É importante salientar que houve, naquele momento, uma preocupação em aprender a forma de se comunicar dos indígenas, e não uma imposição imediata da língua portuguesa por parte dos educadores europeus. Essa forma de imersão na cultura local nos remete à Paideia Cristã de Jesus Cristo no sentido de não fazer julgamentos de outra cultura, mas, ao contrário, de instrução e auxílio nas necessidades que esses povos encontrariam no novo Brasil em que estavam vivendo. Seria uma forma de acolhimento e inserção na sociedade europeia que possibilitaria o aprendizado de novas atividades laborais, embora a ideia inicial fosse a divulgação do cristianismo.

A educação dos povos e das comunidades que moravam no Brasil cabia aos padres, que falavam fluentemente a língua indígena, e que deviam ensiná-la àqueles que chegavam ao Brasil, ou seja, era preciso ensinar a língua da terra, como então era chamado o Tupi-Guarani. Quando houve necessidade de trazer mais pessoas para trabalharem nas terras da colônia portuguesa, passou-se a oferecer formação em Tupi-Guarani, língua dos povos com quem iriam trabalhar, tanto no colégio de Coimbra, como também no colégio de Lisboa. (Gomes, 2019, p. 19)

Por outro lado, a tentativa de descredibilizar os ensinamentos do pajé e de inculcar a verdade da religião praticada na Europa – o Cristianismo – foi uma atitude

que perpassou um mero acolhimento e auxílio para necessidades básicas. Já havia ali, um sentimento de superioridade da cultura europeia, a qual os nativos “mereciam” ter conhecimento.

A preocupação com o ensino do português juntamente com a catequese se tornou prioridade em um momento posterior e se intensificou com a pressão da coroa portuguesa para que o idioma dos colonizadores prevalecesse ao idioma local. Essa retaliação aconteceu porque os missionários ensinavam a língua local tanto para os povos originários como para os portugueses que embarcavam em solo brasileiro e precisavam aprender a se comunicar com os nativos. Isso inculcou na coroa um sentimento de ameaça, visto que poderia se transformar em uma ofensiva dos habitantes brasileiros contra os portugueses. Essa preocupação culminou, juntamente com outros atritos, na ação ofensiva do Marquês de Pombal contra os jesuítas que terminou em sua expulsão do Brasil.

De fato, a preocupação da coroa portuguesa se devia aos constantes atritos existentes entre ela e os jesuítas, cuja motivação era a determinação de quem seria o dominador do território e o conseqüente explorador dos indígenas. O uso da língua materna dos indígenas por parte dos padres da Companhia de Jesus – ordem dos jesuítas – era capaz de florescer um sentimento de acolhimento e paternalismo nos povos originários. Esse acolhimento gerava um aproveitamento por parte dos sacerdotes que também se beneficiavam do trabalho deles.

Portanto, como se pode observar, havia o uso da Paideia Cristã, partindo-se do acolhimento dos marginalizados, chegando à formação integral do ser humano pela perspectiva católica, mas que era utilizada a fim de se obter vantagens particulares, o que colocava a coroa portuguesa em desvantagem nessa disputa, já que não dispunha dos mesmos artifícios para persuadir os nativos. Ademais, o sentimento de dependência da Igreja Católica era cada vez mais latente e gerava preocupação.

A capacidade de agir em suas missões por etapas, conquistando a confiança dos indígenas para depois desvalorizar a sua cultura, impregnando as verdades de fé do catolicismo como caminho único para a obtenção da salvação era um método muito bem elaborado pelos jesuítas:

Para realizar seus trabalhos de evangelização, os padres jesuítas organizaram locais chamados de missões jesuíticas, no lado brasileiro, ou de reduções, em terras de colonização espanhola na América. Nessas missões, eram criadas escolas nas quais os índios se habituavam aos modos europeus. Por não existir um conceito de trabalho por parte dos índios, por extraírem tudo que a natureza os oferecia, não havia necessidade de trabalhar e, por isso, estranhavam a ideia de trabalho dos europeus. Havia dificuldade em escravizar os índios sem seu entendimento de trabalho duro, por viverem em uma região em que a natureza produz tudo que é necessário para o ser humano sobreviver. Com o passar do tempo, esse conceito de trabalho dos europeus ficou mais claro para os indígenas, através de métodos não violentos, ou seja, por meio da catequese e dos métodos educacionais próprios, ligados à Igreja. A educação jesuítica, dentro das suas características, foi sempre marcada por muita disciplina, regras, castigos, e repetição de conteúdo, tudo isso com o objetivo de impor seu domínio (Gomes, 2019, p. 19).

Portanto, a Companhia de Jesus foi fundamental para o processo de dominação e consequente escravização dos indígenas, e os métodos estudados e elaborados pelo padre José de Anchieta foram importantes nessa empreitada, embora não se possa afirmar, de fato, que essa era a sua real intenção.

Na realidade, nem todos os padres eram favoráveis à exploração dos indígenas, o que gerou atritos dentro da própria ordem religiosa. Inclusive, a figura de José de Anchieta se manifestara contrário à escravidão, mesmo que toda a sua contribuição metodológica de ensino tenha sido relevante nesse processo de dominação jesuíta sobre os nativos.

Era através de uma visão relativista que os jesuítas introduziam a cultura europeia entre os nativos, tentando sempre descridibilizar os saberes adquiridos em sua cultura, sejam os relacionados ao modo de vida, sejam os relacionados às práticas de fé. (Gomes, 2019) E sobre a metodologia de ensino de José de Anchieta, que foi fundamental para a conquista da confiança dos indígenas, ela consistiu em uma dedicação em compreender o modo de vida dos nativos brasileiros e fundamentou uma prática de ensino que pudesse explorar e aproveitar o conhecimento já existente no processo de aprendizado da fé cristã.

Durante a análise das cartas **anchietanas** foi possível inferir sobre a intenção do iniciano a respeito das aldeias projetadas como espaço de conversão e civilização do índio. Entretanto, esse projeto só se configura plenamente nos escritos *Informação dos primeiros aldeamentos da Bahia*, **atribuídos inicialmente a Anchieta**, mais tarde questionada essa autoria por Capistrano de Abreu, que os atribui ao Padre Luiz da Fonseca (Pereira, 2006, p. 47, grifo nosso).

É possível observar que, embora não houvesse, de início, a escola formal, com toda a sua estrutura física e métodos de ensino documentados para sua aplicação de maneira uniforme e contínua, padre Anchieta já havia sistematizado um ensino que pudesse ser de melhor proveito no processo de catequização e que pudesse ser aplicado - como ocorreu – por outros sacerdotes da Companhia de Jesus, o que facilitou e muito – além da dominação supracitada - o processo de disseminação do cristianismo em solo brasileiro.

Um bom exemplo dessa disseminação do cristianismo entre os indígenas através da metodologia de Anchieta é o ensino da castidade através de Maria, mãe de Jesus Cristo, como modelo, a fim de converter o modo de se pensar sobre a sexualidade entre os povos originários. (Pereira, 2006)

Como acontece com todo cristão católico, a figura de Maria, mãe de Jesus Cristo, sempre esteve presente na vida e nos ensinamentos de Anchieta. Na preocupação com a integral formação do ser humano, a figura de Maria, como mãe de Deus, torna-se um exemplo de obediência e modelo de castidade, sendo esse modelo muito utilizado para inculcar o conhecimento acerca da sexualidade, nudez e autodomínio nos indígenas.

Essa castidade exemplar de Maria não fez parte apenas do repertório do padre Anchieta, pois era defendida pelos jesuítas como um todo, uma vez que o domínio sobre as paixões da carne, com o uso da razão acima da emoção, é uma filosofia que serve de base para a teologia empregada pela Companhia de Jesus.

Na verdade, o marianismo sempre gozou de grande prestígio dentro da Companhia de Jesus e no catolicismo em geral. [...] No século XIX prega-se a eterna virgindade de Maria e, em 1950 a ascensão de Maria ao céu torna-se dogma da Igreja Católica. [...] Contudo, no Brasil a devoção a Maria apresenta ainda um fim em particular: “purificar e elevar os costumes da colônia” (Pereira, 2006, p.122).

A preocupação com a purificação e elevação dos costumes possuía um caráter etnocêntrico, visto que, ao chegar às terras brasileiras, os colonizadores classificaram os costumes locais como indecentes e imorais, desde o modo de se vestir até as relações sexuais, com trocas de parceiros e sem pudor. Com isso, o marianismo de Anchieta desempenhou um papel importante na formação religiosa dos

indígenas, principalmente para as mulheres, no que se diz respeito à vestimenta, à virgindade e à monogamia.

Essa teologia do corpo, que valorizava a mulher pura, privada das relações sexuais para o casamento, mudou essa cultura nos povos originários, prevalecendo a doutrina cristã acerca do tema, o que mudou o comportamento das mulheres.

Embora esse ensino ainda fosse informal e fosse de cunho puramente catequético, ele provocou embates com os portugueses que se aproveitavam da oportunidade de ter relações sexuais com as indígenas. Esses ensinamentos de Anchieta tiravam a mulher da situação de objetificação diante da figura masculina, pois exortava uma espécie de teologia do corpo que valorizava o amor humano nos planos de Deus.

Assim, as obras de Anchieta promoviam a devoção aos Santos e a veneração da Virgem Maria, o que foi somente um começo de propagação do culto mariano que tomou conta de toda América Latina e se desenvolveu de maneira muito peculiar. Nos autos de Anchieta, percebe-se peculiaridade do teatro milagroso, no qual divino e humano se misturam e os santos, os anjos e a própria Virgem sempre estão presentes no momento de aperto, para aqueles que necessitam de ajuda (Pisnitchenko, 2008, p. 46).

Portanto, a objetificação da mulher indígena passou a ser fortemente reprimida pelos jesuítas, o que então pode-se considerar como benéfica e protetiva, já que livrava a mulher da situação opressora a qual ardilosamente estavam submetidas.

Entretanto, para os colonizadores que se aproveitavam dessa situação, essa catequese foi um desagrado, pois impossibilitou a continuidade da obtenção dos prazeres carnis acessíveis com as mulheres indígenas.

Outros percalços surgiram no processo de catequização, que o próprio Anchieta registra. Esse processo que perdurou por quase meio século, não tinha apenas os nativos como alvo, mas também os portugueses que residiam em solo brasileiro.

Após diagnosticar a população com quem viveria 44 anos de sua vida, Anchieta lança mão de diversas **estratégias para catequizar e educar nativos e portugueses**. Nesse ponto mostrou-se pedagogo insistente, mesmo quando seus ensinamentos não encontravam guarida na vivência dos nativos. Seguindo a linha dos grandes humanistas, empenhou-se em transmitir conhecimentos à luz da cultura clássica. Embora tenha projetado

para os índios a cultura da piedade, fê-lo por meio da poesia e do teatro, duas grandes ferramentas usadas na pedagogia clássica e que, naquele momento, ressurgiram como valiosos instrumentos de motivação e adesão à doutrina cristã. As novas ideias pedagógicas surgidas na Europa foram, por um tempo, a fonte onde bebeu o canarino (Pereira, 2006, p. 95, grifo nosso).

A persistência no processo de ensino jesuíta é uma característica marcante que José de Anchieta trouxe da Europa, onde a insistência se dava pela repetição. Utilizou-se da cultura clássica, apropriando-se de ferramentas pedagógicas muito bem elaboradas, o que demonstra uma maior estruturação à educação nacional que ganhava formalidade. Esse modo orgânico de ensinar os nativos se tornou relevante também para o aperfeiçoamento da metodologia de ensino que foi aplicada aos nobres no ensino mais avançado.

De posse de toda essa estrutura catequética organizada pelos jesuítas, fez-se um importante instrumento avaliativo acerca da efetividade dessa prática, o que pode ser observado a seguir:

Absolutamente comprometido com a missão, Anchieta avalia constantemente os resultados do processo seguido por ele e seus companheiros. Entretanto, é importante observar que esta avaliação se realiza de forma unilateral e não imputa responsabilidade ao educador. Acredita-se simplesmente que a aculturação, em muitas ocasiões, falhou em virtude do temperamento dos nativos. Anchieta considera para os inúmeros fracassos da catequese a falta da razão, a inconstância e a primitividade dos brasis (Pereira, 2006, p. 103).

Entretanto, essa avaliação não levava em conta as falhas – ou lacunas – na maneira de ensinar. Na realidade, acreditava-se que a forma de ensinar era legítima, imutável e perfeita, e que os problemas encontrados durante o ensino surgiam por culpa dos discentes, que no caso eram os indígenas.

Entretanto, não era a ignorância dos nativos que dificultava a sua catequização por parte dos sacerdotes jesuítas. Na verdade, era a sua competência que instigava a Igreja Católica a trabalhar ainda mais arduamente, exigindo-se um esforço não esperado. Isso porque os indígenas possuíam senso crítico e não se deixavam levar com facilidade.

Nesse sentido, deve-se levar em conta a posição de superioridade do europeu que o deixava seguro sobre a verdade a ser imposta. Obviamente, os inácianos não contavam com a argúcia do indígena. Tanto que diante dos primeiros questionamentos os padres começaram a ser desarmados. (Pereira, 2006, p. 103)

Ou seja, a afirmação de que os indígenas eram incapacitados cognitivamente para aprender a fé católica não passava de mero posicionamento etnocêntrico, pois, o que se pode observar por estudos já realizados em livros, teses e dissertações é que, embora os sacerdotes falassem de maneira segura sobre o que queriam ensinar, os indígenas não eram facilmente vencidos e seus questionamentos causavam desconforto.

Esse desconforto obrigou Anchieta e seus companheiros a elaborarem formas de ensino mais aprimoradas, não bastando apenas trazer conteúdo artístico e a cultura clássica, mas também uma retórica mais convincente.

3.1.3 Outros movimentos religiosos

Os beneditinos – Ordem de São Bento – também tiveram um papel importante no período do Brasil colonial, mas não possuíam um enfoque educacional. Tinham um projeto missionário voltado à aquisição e gestão de terras, conquistando, além da influência, patrimônio e conseqüente riqueza. (Souza, 2011)

Entretanto, para esta dissertação, que teve sua pesquisa voltada para a compreensão educacional do Cristianismo, os beneditinos não foram relevantes para os estudos, embora tenham um papel importante na história do Brasil e tenham, em outros períodos mais recentes, desviado sua atenção para o ensino formal com a criação de escolas confessionais.

Além dos franciscanos e dos beneditinos, outras ordens religiosas se fizeram presentes no processo de colonização do Brasil, como os carmelitas, mercedários, oratorianos e capuchinhos, tendo desenvolvido alguma atividade educativa. Contudo, essas diferentes congregações religiosas operaram de forma dispersa e intermitente, sem apoio e proteção oficial, dispondo de poucos recursos humanos e materiais e contando apenas com o apoio das comunidades e, eventualmente, das autoridades locais. (Saviani, 2021, p. 41)

Não se pode afirmar que não havia nenhuma ação educativa por parte de outras ordens religiosas. Acontece que suas atividades foram muito limitadas e insignificantes para o processo de aculturação promovido pela coroa portuguesa, pois essas outras ordens religiosas, diferentemente dos jesuítas, não tinham a chancela do Estado: “Diferentemente, os jesuítas vieram em consequência de determinação do rei de Portugal, sendo apoiados tanto pela Coroa Portuguesa como pelas autoridades da colônia.” (Saviani, 2021, p.41)

Embora muito influentes em Portugal, os Dominicanos – nome dado aos membros da Ordem dos Pregadores, também conhecida como Ordem Dominicana – não repetiram essa influência em solo brasileiro, onde o maior encargo ficou por conta dos jesuítas.

Estranhamente, os Dominicanos se fizeram muito presentes em diversas missões na América espanhola, não se repetindo tal presença em terras dominadas pelos portugueses. Enquanto suas missões se iniciaram na América, de uma forma geral, no início do século XVI, no Brasil vimos seu início apenas no final do século XIX. (Pic, 2024)

A influência exercida pelos Dominicanos foi relevante para a educação, sendo responsáveis pela fundação das primeiras Universidades na América. (Pic, 2024) Com esse histórico, seriam credenciados a cuidar da educação brasileira, o que não aconteceu.

Para os portugueses foi mais interessante utilizar os trabalhos educacionais dos Jesuítas, que eram mais alinhados à coroa, embora muitos conflitos tenham surgido. Ademais, já tendo o serviço dos franciscanos e dos beneditinos, cada um cuidando de suas funções, os colonizadores não poderiam adquirir dependência de um número grande de ordens religiosas.

3.2 Ideal do ensino jesuíta de Anchieta na missão colonizadora

A educação jesuíta através da pedagogia de Anchieta tinha um caráter de dominação. Havia um trabalho de aculturação dos povos dominados pela catequese. (Nolasco, 2008)

O trabalho de José de Anchieta teve justamente como cerne o desmantelamento da cultura dos nativos que favorecesse a soberania do modelo econômico e cultural da Europa sobre a América do Sul. Para isso, era necessário o descredenciamento das religiões praticadas pelos indígenas e a inserção da forma de vida europeia que favorecesse a acumulação do capital.

Diante de tal desafio, o aprendizado da cultura indígena foi importante para compreendê-la e então facilmente combatê-la, inserir-se com mais facilidade em meio

aos indígenas para ganhar sua confiança e finalmente persuadi-los a seguir o caminho da cultura e religião europeia. (Pisnitchenko, 2004)

Assim, os jesuítas começavam o trabalho de conversão com o estudo da língua e, em seguida, dos costumes dos povos locais, ainda que nem sempre fosse fácil lidar com costumes tão diferentes dos europeus. Por exemplo, Serafim Leite comenta que o amor excessivo com que os índios tratavam os seus filhos poderia servir como ajuda aos objetivos dos padres assim como poderia atrapalhar os seus processos pedagógicos. [...] Por outro lado, quando os padres agindo de acordo com os métodos pedagógicos da sua época, castigavam os alunos desobedientes, seus esforços acabavam dando num fracasso [...] (Pisnitchenko, 2008, p. 27).

Utilizar-se das mesmas táticas que eram aplicadas na Europa conduzia a missão dos jesuítas ao fracasso. Num primeiro momento, a fórmula de ensino jesuíta não poderia ser repetida. Diante disso, as referidas adaptações já mencionadas nesta dissertação foram méritos de José de Anchieta, que soube observar o momento e dedicar-se a empreender suas formas de persuasão.

A aculturação por meio da catequese foi realizada pelos membros da Companhia de Jesus de diferentes formas, conforme mencionado anteriormente. O Pe. Anchieta, além de escrever o seu catecismo e suas poesias, também utilizou o recurso do teatro para atingir os índios, tornando o seu trabalho mais lúdico ao criar recurso para que a prática da catequese fosse mais efetiva.

Ao escrever alguns autos teatrais, incorporava em seus conteúdos, e também durante a encenação, formas alegóricas de mostrar aos índios que sua maneira de viver era absolutamente incorreta; ao mesmo tempo em que fornecia sugestões/imposições de comportamento para que os nativos pudessem atingir a salvação. Um importante exemplo que deixa clara esta questão está presente na “Doutrina Cristã”, em que o padre explica quais eram os pecados mortais e quais atitudes deveriam ser tomadas para extingui-los (Nolasco, 2008, p. 53).

Essa forma de ensino através do uso dos autos teatrais é um recurso do conceito grego de educar que foi trazido ao método cristão e incorporado por Anchieta, pois, como visto no primeiro capítulo, o recurso teatral de Homero era bastante utilizado na Grécia Antiga para ensinar os estudantes a serem uma boa pessoa.

A implementação da doutrina Cristã por meio desse recurso foi importante para o sucesso inicial da missão quando ainda não se tinha tanta confiança dos nativos.

Considerando, portanto, a catequese como um processo de aculturação, de dominação cultural e de imposição de padrões de valores europeus ocidentais e católicos sobre os povos primitivos e pré-históricos encontrados na América, deve-se ter em mente que os recursos utilizados pelos

executores da catequese variaram. Sendo assim, a obra de Anchieta em geral, e o teatro anchietano em especial, foram importantes instrumentos a serviço da catequese, já que o processo de dominação e de aculturação, tornariam-se inviáveis sem a eliminação dos costumes fundamentais dos índios (Nolasco, 2008, p. 56).

A tentativa de despojar os indígenas de suas crenças era uma etapa da implementação dos valores europeus na colônia. Para tanto, incutir esses padrões considerados adequados pelos colonizadores exigia uma práxis que fosse eficiente.

Ora, no caso da educação instaurada no âmbito do processo de colonização, trata-se, evidentemente, de aculturação, já que as tradições e os costumes que se busca inculcar decorrem de um dinamismo externo, isto é, que vai do meio cultural do colonizador para a situação objeto de colonização (Saviani, 2021, p.27).

Essa forma de ensinar afastava-se da Paideia do Cristianismo primitivo e se aproximava do estilo de Santo Tomás de Aquino na fase da Escolástica, em que a busca pela razão sempre foi o cerne na implementação da fé católica.

Durante a Patrística e a Escolástica, o conceito de pecado e de conversão através da “educação das almas” era mais evidente que em outros períodos. Isso teve início com a conversão de Santo Agostinho por influência de Santo Ambrósio e dos filósofos neoplatônicos, o que fez com que o próprio Agostinho trabalhasse arduamente na matéria de pecado e atuasse no combate a heresias, como observado no capítulo anterior.

Servindo-se das ideias pedagógicas de Agostinho, que se tornaria posteriormente doutor da Igreja Católica, Santo Tomás de Aquino trouxe mais racionalidade para seus métodos e implementou um ensino mais estruturado que serviu de modelo para os jesuítas na aplicação da educação formal.

Portanto, pode-se afirmar que Anchieta foi responsável pela inserção do conceito grego de educação no Brasil, tendo sua aplicabilidade adaptada para a realidade encontrada.

3.3 Contradições com a Paideia cristã

Os jesuítas estruturaram muito bem o ensino catequético em solo brasileiro. Essa organização foi muito relevante para o avanço do ensino no país, que foi cada vez mais ganhando um sentido formal. De posse dessa metodologia, toda a base pôde

ser aproveitada para a estruturação da educação até mesmo para a nobreza. (Fávero, 2009)

Se, por um lado, havia a iniciativa louvável de se avaliar os resultados do processo de catequização dos indígenas - o que não seria muito comum em um ensino gratuito, embora houvesse um serviço prestado de interesse à coroa portuguesa como etapa de dominação -, por outro lado, essa avaliação era totalmente enviesada e dotada de prepotência por parte dos sacerdotes em missão no Brasil.

Não havia uma adaptação curricular, nem tampouco uma análise das necessidades dos estudantes, havia apenas uma forma padronizada de ensinar, considerada excelente, que, se não atingisse o objetivo, era porque o estudante não era competente o suficiente para absorver aquele conteúdo. Alegações como falta de razão e primitividade são os maiores exemplos desse olhar de superioridade em relação aos nativos. (Pereira, 2006)

Sob a ótica da Paideia Cristã, essa visão contradiz totalmente o Cristianismo primitivo formado por Jesus Cristo e conduzido posteriormente por seus apóstolos. Por todo o levantamento realizado no capítulo anterior, em que se contextualiza a Paideia Cristã, há de se constatar que a figura de Jesus Cristo, conhecida como rica em sabedoria, jamais se colocou em posição de superioridade. Na realidade, o que se via e causava espanto era justamente o “rebaixamento” que Jesus Cristo fazia de si própria para servir ao próximo e ensinar através do exemplo:

Quando terminou de lavar-lhes os pés, Jesus tornou a vestir sua capa e voltou ao seu lugar. Então lhes perguntou: "Vocês entendem o que fiz a vocês? Vocês me chamam Mestre e Senhor, e com razão, pois eu o sou. Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei os seus pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz. Digo verdadeiramente que nenhum escravo é maior do que o seu senhor, como também nenhum mensageiro é maior do que aquele que o enviou. (Bíblia, 2017, Jo 13,12-16)

Essa passagem bíblica é interessante porque Jesus Cristo reafirma a sua divindade ao dizer que é Mestre e Senhor, e, logo em seguida, chama a atenção para aquilo que acabara de fazer em atitude de serviço ao próximo.

Essa pedagogia de Jesus Cristo colocava o homem cristão em condição que não era de inferioridade, mas sim de serviço ao próximo. Esse formato de abordagem aparece muito mais presente na Ordem dos Frades Menores, que ensinam com ações

o modo de vida que mais aproxima o ser humano de Deus. Seus votos e pobreza, obediência e castidade são um claro exemplo de que a catequese feita por gestos possui o seu valor e é capaz de atingir a compreensão das pessoas, pois tais votos foram também adotados por diversas outras ordens religiosas surgidas posteriormente.

Quando se compara a pedagogia de Anchieta com a Paideia Cristã do período Escolástico, há uma maior similaridade, visto que ambos se espelham na cultura de ensino grega. Todavia, tanto a Escolástica e principalmente a Patrística – sua antecedente e influenciadora – tratavam o ensino como ato de amor ao fazer com o que o próximo tivesse acesso ao conhecimento que o aproximava de Deus, embora a estruturação do ensino Escolástico, com suas construções de espaços de ensino que aumentaram o patrimônio da igreja tenham servido de inspiração para a formação jesuíta.

O processo de aculturação, por si só, já é contraditório, pois não enxerga a pessoa humana em sua totalidade e nem exalta a sua diferença. A Paideia Cristã, na sua origem, valoriza a diferença do ser humano e, além disso, demonstra sua preferência pelos mais humildes.

Jesus não se contentou em desejar uma reforma das estruturas religiosas, cujo polo visível era o santuário de Jerusalém. Como o profeta Jeremias, na vista de todos, e contrariamente aos essênios que se mantinham afastados da questão, ele exprimiu, claramente, seu ponto de vista sobre os lugares que contestava. (Morin, 1988, p. 111)

Entretanto, na época de Jesus Cristo, o Cristianismo não atuava junto ao Estado. Ao contrário, era visto como ameaça, o que ocasionou diversas perseguições e martírios. “[Jesus] considerado perigoso pelo alto clero, **acabou sendo condenado** por esta sua postura.” (Morin, 1988, p. 111, grifo nosso) Tendo depois o poder e atuando como aliado dos chefes de Estado, o Cristianismo atuava como uma ferramenta de dominação.

Assim sendo, houve no decorrer da história diversas mudanças na maneira Cristã de ensinar e nas intenções pedagógicas que inspiravam as metodologias. No caso do ideal de Anchieta em solo brasileiro, fica bastante evidente uma intencionalidade divergente da base teórica estudada acerca da formação integral do ser humano.

3.4 Marquês de Pombal e a disputa por dominação

Embora a atuação de Marquês de Pombal tenha acontecido em um período muito distante da era de José de Anchieta, algumas das ações iniciais dos jesuítas lideradas pelo último influenciaram, dentre outras coisas, nas decisões do primeiro no que se refere às drásticas mudanças na educação brasileira.

Uma das ameaças à coroa portuguesa, pela ótica de Pombal, era justamente o uso do tupi de forma mais disseminada que o português em solo brasileiro. A justificativa era a de que a dominação por parte dos jesuítas seria muito mais fácil, já que seus sacerdotes sabiam se comunicar no idioma dos nativos. “O português até as reformas pombalinas, valia apenas na medida em que permitia a comunicação com os fiéis, o mesmo ocorrendo no Brasil, com o Tupinambá” (Nolasco, 2008, p. 104).

Graças ao trabalho de Anchieta, o tupi – um dos idiomas falados pelos indígenas, foi estruturado e ensinado ao clero e aos colonos, fazendo com que o português ficasse subalternizado.

[...] tratava-se de um problema antigo, cujo ponto central era o de saber-se quem dominaria e, portanto exploraria os indígenas, isto é, se os colonos ou os jesuítas. Estes, certamente, eram muito mais ciosos da dignidade humana dos índios, hostis à sua escravização, embora isso se reduzisse numa atitude paternalista, despersonalizadora, não isenta também de aproveitamento em benefício próprio do trabalho dos nativos. [...] Complicou-se bastante o problema com as desinteligências no Pará mais conflito armado no Sul motivado pela resistência às comissões demarcadoras de limites. Caracterizou-se, deste modo, com suficiente clareza a rebeldia dos inacionos diante da autoridade do Estado (Falcon, 1982 *apud* Fávero, 2009, p. 16).

A preferência de alguns jesuítas pelos indígenas, posicionando-se contrários à escravidão, foi um forte ponto de atrito que prejudicou a execução do plano de dominação dos colonizadores.

Certamente, com toda a formação cristã jesuítica, o acesso à Paideia Cristã foi plenamente possível, o que favoreceu esse pensamento mais humano por parte dos sacerdotes católicos da Companhia de Jesus.

Portanto, as ações do Marquês de Pombal tiveram como cerne dismantelar aqueles que eram os maiores adversários da coroa portuguesa e que estavam ganhando maior espaço na corrida de dominação do território brasileiro.

Dois séculos depois, sob Pombal, o Português se consolida como língua do Império; cumpre-se não só o desejo dos primeiros gramáticos, uma língua e um Império, mas também, como em nenhum outro momento da História de Portugal, a máxima de Nebrija (1492) (Fávero, 2009, p. 17).

Com a consolidação do português, os colonizadores conseguiram unificar no Império um só idioma e, sem a disputa com os jesuítas, alavancar o seu plano de imposição com os colonos no Brasil.

4 AS IDEIAS PEDAGÓGICAS DOS JESUÍTAS E A EDUCAÇÃO FORMAL

O período colonial brasileiro pode ser dividido em três fases, sendo as duas primeiras de intensa atuação da ordem religiosa Companhia de Jesus, uma vez que a última fase se refere ao período pós-expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal.

O primeiro período é conhecido como “período heroico”, que compreende a chegada dos jesuítas ao Brasil e o início da missão de converter os nativos, durando de 1549 a 1599. O segundo período é o da consolidação dos jesuítas na educação de forma hegemônica com o *Ratio Studiorum*, de 1599 a 1759, seguindo-se, por fim, com a expulsão dos jesuítas, de 1759 a 1808. (Saviani, 2021)

Interessa-nos aqui as ideias pedagógicas do primeiro período, que foi onde aconteceu a contribuição de José de Anchieta que possibilitou a consolidação dos jesuítas para a conquista da hegemonia educacional no segundo período.

4.1 Concepção de ideias pedagógicas pelos jesuítas

Antes de iniciarmos a análise da metodologia de ensino dos jesuítas, é importante esclarecer o que seriam as ideias pedagógicas por parte dessa ordem religiosa. Nesse sentido, Saviani (2021, p. 6) faz uma importante observação subjetiva acerca do tema:

Por ideias pedagógicas entendo as ideias educacionais, não em si mesmas, mas na forma como se encarnam no movimento real da educação, orientando e, mais do que isso, constituindo a própria substância da prática educativa. Com efeito, a palavra “pedagogia” e, mais particularmente, o adjetivo “pedagógico” têm marcadamente ressonância metodológica denominando o modo de operar, de realizar o ato educativo.

Principalmente no primeiro período, é muito difícil tratar as ideias pedagógicas como ideias educacionais em si mesmas, ao menos no sentido de educação formal, o que se consolida posteriormente. Todavia, as estratégias metodológicas eram bem articuladas para as condições de anexação do Brasil ao Império português.

Em razão desse entendimento, as ideias pedagógicas dos jesuítas no período colonial foram consideradas não como meras derivações da concepção religiosa (católica) de mundo, sociedade e educação, mas na forma como se articularam as práticas educativas dos jesuítas nas condições de um Brasil que se incorporava no império português (Saviani, 2021, p. 7).

Portanto, não se pode referenciar as ideias pedagógicas dos jesuítas ao mero campo religioso, focando em questões morais e em verdades de fé, uma vez que havia uma preocupação social voltada às condições de implementação de um novo Brasil de acordo com a cultura europeia.

Essa preocupação social exigia um esforço na implementação de metodologias e abordagens pedagógicas muito bem estruturadas e fundamentadas em alguma filosofia educacional, o que caracteriza a educação como formal, ao menos no que se refere à aplicabilidade do ensino no Brasil, seguindo diretrizes bem definidas. Por sua vez, essas diretrizes foram constituídas pelos próprios jesuítas, sob a tutela intelectual do fundador da ordem religiosa, Inácio de Loyola.

4.2 As ideias pedagógicas no “período heroico”

Embora se tratasse de um período de expansão e conhecimento da nova colônia, a preocupação com o ensino dos gentios a fim de se obter a dominância com a imposição da cultura portuguesa foi bem evidente e o grande motivo de os jesuítas serem os missionários oficiais da coroa portuguesa. Como mencionado no capítulo anterior, havia um movimento de aculturação através da descredibilização dos ensinamentos e costumes locais, classificando-os como pecaminosos.

A metodologia dos jesuítas apostava em apelar para os sentimentos mais nobres da honra e da dignidade dos alunos, criando os estímulos afetivos para que se esforçassem ao máximo no exercício da imaginação, do juízo e da razão. Sendo a parte mais interessante e mais desenvolvida por Inácio Loyola, a metodologia unia, no plano pedagógico, os processos didáticos para transmissão do conhecimento e os estímulos afetivos para garantir o êxito no esforço educativo. (Pisnitchenko, 2008, p. 25)

O apelo aos sentimentos dos alunos era uma arma poderosa de conquista da confiança dos indígenas. O estímulo da afetividade era uma abordagem diferente do clássico autoritarismo utilizado pelos jesuítas, pois ministravam suas aulas impulsionados pela Escolástica. Essa mudança foi muito bem articulada e aplicada por Anchieta, tendo sido desenvolvida por Inácio de Loyola.

Para tal, o resgate de valores da Paideia Cristã primitiva foi realizado em momento oportuno para as intenções da Companhia de Jesus e do Império português, sendo um claro movimento de uso dos valores cristãos como movimento de dominação.

No desenvolvimento de sua metodologia de ensino, Loyola se inspirou na luta contra a Reforma Protestante em defesa da fé católica. Utilizando-se dos ideais de ratificação da doutrina da fé em resposta às teses críticas do Protestantismo, sua pedagogia somada a um número efetivo de missionários preparados – especializados –, conduziria a propagação da fé com excelência e levaria ao desmantelamento das práticas religiosas locais. Todas essas diretrizes seriam organizadas no *Ratio Studiorum*.

Em termos amplos, foi a luta contra a Reforma que estimulou a ordem jesuítica a organizar os seus métodos pedagógicos para transformar o ensino numa poderosa arma para defesa da fé católica. Mais tarde esse objetivo principal foi reforçado com a ideia de que, tendo homens competentes em grande número, a esfera das atividades da Companhia poderia ser ampliada, de modo a preparar não apenas missionários, mas um corpo de especialistas em doutrina católica. As diretrizes pedagógicas dos jesuítas foram organizadas na *Ratio Studiorum*, na qual estão elaborados os preceitos que dizem respeito à formação e à educação dos alunos dos seus colégios. Mas já em *Constituições*, obra composta por Inácio Loyola, a Quarta parte era reservada à organização didática dos colégios da ordem (Pisnitchenko, 2008, p. 25).

Trazer para o Brasil e implementar as diretrizes de ensino jesuíta foi uma árdua tarefa de Anchieta, como visto no capítulo anterior. Mesmo com todo o ideal pedagógico que o próprio elaborara a fim de conquistar os indígenas, a missão sofreu percalços com uma realidade complicada.

Nesse contexto, três elementos entrelaçaram-se compondo um mesmo movimento, dialetizado, porém, nas contradições internas a cada um deles e nas externas que os opunham entre si. Além disso, observou-se que, em função da “realidade rebelde” configurada pelas condições específicas da colônia brasileira, os jesuítas tiveram de ajustar as suas ideias educacionais, modificando-as segundo as exigências dessas condições. Isso foi feito de forma bem nítida na primeira fase correspondente ao período heroico, o que se evidencia no plano educacional de Nóbrega, no recurso à língua tupi e no largo uso pedagógico do teatro e do canto no processo educativo; mas esteve presente também mesmo na segunda fase, apesar do empenho da Ordem em enquadrar a educação na nova colônia portuguesa na proposta universalista esposada pelo *Ratio Studiorum* (Saviani, 2021, p. 7).

A “realidade rebelde” se refere à resistência por parte dos indígenas encontrada pelos missionários jesuítas no processo de conversão. Embora houvesse o aprendizado do tupi, a inserção na cultura e o descredenciamento das práticas religiosas e culturais dos nativos, o convencimento não era algo tão simples.

O uso do canto e do teatro, muito presente na educação cristã, sendo de cunho inclusive bíblico – como os salmos – expõe uma herança da Paideia grega,

sendo uma forte ferramenta de apelo que toca os sentimentos e que foi introduzida no Brasil por José de Anchieta. Em se tratando do teatro de forma específica, os jesuítas já estavam habituados a se utilizarem desse tipo de ferramenta educativa, já que promoveram atividades catequéticas com o auxílio artístico em outras missões mundo afora.

Para atividade missionária dos jesuítas o teatro foi um dos instrumentos principais em todos os cantos do mundo, nos quais desempenhavam as suas atividades catequéticas. Serafim Leite, na História da Companhia de Jesus no Brasil, afirma que foram os jesuítas os primeiros a introduzir o teatro na colônia portuguesa. Os autos populares tinham lugar nas aldeias dos índios, enquanto as comédias e tragédias mais cultas eram representadas nos colégios das cidades e vilas. Décio de Almeida Prado, falando do surgimento do teatro no Brasil no seu livro Teatro de Anchieta a Alencar, comenta que em solo brasileiro o teatro foi introduzido ...com a catequese das tribos indígenas feita por missionários da recém-fundada Companhia de Jesus. (Pisnitchenko, 2008, p. 32)

Entretanto, ao aplicar essa metodologia de educação com os indígenas, “Anchieta introduzia o teatro numa cultura que não conhecia essa arte com seus papéis determinados e nem possuía noções de catolicismo familiares aos europeus” (Pisnitchenko, 2008, p. 35). Diante disso, A visão de Anchieta para promover mudanças de acordo com a realidade local foi primordial para o sucesso do ensino através do teatro. “Assim, os autos de Anchieta, intencionalmente, operam com formas de passado, articulando representações teatrais e manifestação popular ou, de outra forma, transformando um acontecimento social numa representação teatral” (Pisnitchenko, 2008, p.35).

Essa importante metodologia aplicada pelos jesuítas no Brasil foi tão importante que ainda é utilizada atualmente. É muito comum ver o uso do teatro como ferramenta de ensino na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Quanto às adaptações curriculares feitas por José de Anchieta para se adequarem ao conhecimento de mundo prévio dos alunos, no caso, os gentios, elas também são uma prática muito comum atualmente, pois o currículo de ensino é regulamentado de acordo com as necessidades e costumes regionais, e até mesmo de acordo com as necessidades individuais dos estudantes. Esse instrumento de ensino, com todas as contribuições adaptativas, foi um importante legado do ensino cristão para a educação nacional.

Embora o plano educacional na colônia tenha sido realizado na primeira ocasião pelo padre Manuel de Nóbrega, foi a pedagogia de José de Anchieta a responsável pelo sucesso desse plano, fazendo os devidos ajustes e contribuindo para a sua eficácia, como no exemplo supracitado em relação aos autos teatrais.

A importância da figura de José de Anchieta pode ser observada na devida atenção que historiadores dão para a sua contribuição. Saviani (2021, p.31), por exemplo, dá um devido parecer acerca do tema:

A primeira etapa corresponde ao chamado “período heroico”, que, segundo Luiz Alves de Mattos (1958), abrange de 1549, quando chegaram os primeiros jesuítas, até a morte do Padre Manuel da Nóbrega em 1570. Considero, entretanto, mais apropriado estender essa fase até o final do século XVI, quando ocorre a morte de Anchieta, em 1597, e a promulgação do *Ratio Studiorum*, em 1599.

Portanto, o “período heroico” não teria sido o mesmo sem a presença de José de Anchieta e sua perspicácia em observar as dificuldades locais e fazer as devidas modificações nas diretrizes educacionais de Nóbrega para atender à demanda da região colonial.

Seu legado não é apenas no sentido estrito de educar através do ensino direto em sala de aula, mas no processo de gestão e supervisão escolar, sendo capaz de, com a ajuda de seus companheiros missionários, elaborar um projeto de ensino uniforme muito bem distribuído na colônia, tudo isso em uma época de ausência de tecnologias que facilitassem a comunicação.

4.3 O início da estruturação com o *Ratio Studiorum*

Após o “período heroico”, o devido estabelecimento do cristianismo e o processo de desmantelamento da cultura local, iniciou-se uma nova fase com a ratificação do ensino jesuíta no Brasil. Embora essa fase não seja o cerne desta dissertação, pois perpassa o período inicial com Anchieta, que faleceu em 1597, seu início é relevante porque traz consigo resquícios das ideias pedagógicas implementadas por José de Anchieta.

A partir desse momento, a pedagogia jesuíta se torna institucionalizada, com a criação de casas e colégios jesuítas em ampla escala (Saviani, 2021). Com isso, não há que se falar, a partir daquele momento, de diretrizes formais educacionais para

sua aplicação catequética em ambientes informais, mas de uma educação formal em plenitude com normas, sistematização e estrutura. É o início da educação escolar no Brasil.

Essa estruturação se dava pelo *Ratio Studiorum*, que era o manual de prática pedagógica de todas as instituições de ensino jesuítas. Esse estudo, moderno para a época, inspirava-se nos ideais de São Tomás de Aquino, com a Escolástica, e com Aristóteles. (Saviani, 2021)

Na realidade, é difícil apontar São Tomás como inspiração sem apontar também Aristóteles, já que a filosofia do último serviu de base para a teologia e o plano educacional do primeiro. De fato, São Tomás faz uma “cristianização” do pensamento aristotélico.

Porém, a aplicação de elementos da Escolástica pelo *Ratio Studiorum* deu-se em um processo de reformulação, absorvendo elementos próprios da época, como o livre-arbítrio. (Saviani, 2021)

[...] é própria dos tempos modernos a emergência do indivíduo associado à ideia do livre-arbítrio, o que conduz ao entendimento de que o homem em geral, e por consequência, também o homem cristão deve ser ativo, isto é, necessita traduzir em ações a fé que professa, não lhe bastando meditar e orar (Saviani, 2021, p. 59).

Essa ideia do livre-arbítrio visava incutir uma igreja em saída, isto é, uma igreja formada por militantes missionários capazes de atuar em favor da conversão de muitas outras pessoas ao catolicismo. Isso era importante tanto para a continuidade do legado de José de Anchieta no avanço do cristianismo e da cultura europeia em solo brasileiro quanto para o combate às ideias teológicas do Movimento Protestante.

Daí o fervor missionário, de caráter militante e combatente que moveu os inicianos levando-os a considerar a cruz e a espada como faces de uma mesma moeda. Para isso, certamente contribuiu a experiência prévia e a mentalidade militar do fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola (Saviani, 2021, p. 59).

No entanto, o plano de ensino era elitista, pois dividia o ensino por categorias de acordo com a classe social de cada um e a função social futura de cada indivíduo predeterminada.

O plano contido no *Ratio* era de caráter universalista e elitista. Universalista porque se tratava de um plano adotado indistintamente para todos os

jesuítas, qualquer que fosse o lugar onde estivessem. Elitista porque acabou destinando-se aos filhos dos colonos e excluindo os indígenas, com o que os colégios jesuítas se converteram no instrumento de formação da elite colonial. Por isso, os estágios iniciais previstos no Plano de Nóbrega (aprendizado de português e escola de ler e escrever) foram suprimidos. (Saviani, 2021, p. 56)

Essa universalidade é uma característica típica de Igreja Católica, que visa disseminar sua catequese e sacramentos de maneira uniforme em todas as partes do mundo.

Quanto ao elitismo, deixando o ensino mais avançado para os colonos, detentores de patrimônio, foi uma situação desejada e muito bem inserida pelos jesuítas e a coroa portuguesa. E, nesse sentido, a atuação de Anchieta no “período heroico” foi fundamental para a existência de um ensino separatista, já estabelecendo os indígenas como pertencentes ao sistema em situação desigual e vulnerável em relação à elite.

Desse modo, o uso do tupi ainda continuou a ser uma constante com os indígenas, uma vez que não era interesse da igreja ensinar outras habilidades a eles e utilizar essa língua trazia o benefício de conseguir sua confiança com mais facilidade. (Fávero, 2009)

A pertença dos indígenas ao sistema em posição subalterna, tendo acesso somente à educação catequética, que vislumbra somente o ensino religioso, foi importante para os ideais de dominação dos colonizadores, uma vez que, desse modo, com o processo de aculturação e de descredenciamento dos valores religiosos dos nativos acontecido com Anchieta e seus companheiros, a aceitação da nova situação por parte deles foi mais fácil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo a Igreja Católica, através da ordem religiosa Companhia de Jesus, feito um trabalho de catequização muito importante para os interesses de dominação da nova colônia pelo processo de aculturação, poder-se-ia questionar acerca da relevância pedagógica dessa ordem religiosa para a educação nacional.

Sendo uma ordem com um forte movimento educacional já na Europa, utilizando-se de valores e métodos de ensino advindos de uma filosofia cristã educacional da idade média, sua dedicação para o ensino do Cristianismo e a conversão dos gentios para a nova cultura e religião no Brasil foi um trabalho de quem estava acostumado a lidar com esse tipo de atribuição.

Como tudo se tratava de ensino, formação social do ser humano e afetividade, e tendo os jesuítas sido os responsáveis pela implementação e administração do primeiro sistema de ensino brasileiro com o *Ratio Studiorum*, esta dissertação procurou investigar por meio da pesquisa bibliográfica a relevância dessas diretrizes curriculares para a educação brasileira e sua capacidade de influenciar o ensino no país.

De fato, pode-se concluir que houve, sim, influências da Paideia Cristã na escola brasileira, tanto no que se refere às práticas de ensino como na formação integral do ser humano, com os jesuítas sendo os responsáveis pelo estabelecimento do ideal cristão de ensino com diretrizes formativas inspiradas por doutores da igreja e pela filosofia grega. Destaca-se, sobretudo, que o início da escolarização formal e da história da educação escolar estão intimamente ligados ao trabalho dos jesuítas.

Para se chegar a essa afirmação, a pesquisa bibliográfica, no primeiro momento, centrou-se no entendimento do que era a Paideia Cristã e quais suas origens, bem como sua fonte de inspiração. Isso foi importante para, com a devida descrição do tema, atingir-se a verificação do uso da Paideia pelos jesuítas no Brasil.

O processo de contextualização da Paideia Cristã deu-se pela análise do Cristianismo primitivo através da observação de formas de ensino informais praticadas por Jesus Cristo, bem como sua abordagem na formação do ser humano com a mudança de paradigmas e valores morais na sociedade em que ele se situava. Para

tanto, a análise da estrutura social em que Jesus Cristo pertencera foi uma parte imprescindível para o entendimento do impacto que seus ensinamentos causaram naquela sociedade.

Essa pesquisa inicial abriu o caminho para o aprofundamento dos estudos na Paideia grega, já que muitos costumes e modos de ensinar, presentes na Grécia Antiga, se fizeram presentes no Cristianismo primitivo. Assim, obteve-se uma contextualização da passagem da formação grega para a cristã.

Por fim, a pesquisa avançou para períodos importantes da história da Igreja Católica em que a educação se fez intensamente presente, como na Patrística e na Escolástica, com a estruturação física e a institucionalização do ensino dos valores cristãos.

Assim sendo, chegando-se à análise crítica da perspectiva cristã de educação no Brasil, tendo como base todo o arcabouço teórico acerca da Paideia Cristã, no começo do período colonial, foi possível perceber elementos presentes da maneira cristã de ensinar tanto do período primitivo como da Escolástica. Entretanto, sua aplicabilidade acontecera de maneira diversa, ou seja, com objetivos distintos dos primeiros cristãos.

A reflexão crítica evidenciou, com todo o recurso teórico por meio de pesquisa bibliográfica, o uso de recursos cristãos como afetividade, confiança e proximidade, aplicados aos indígenas com o claro objetivo de dominação, diferentemente da preocupação com o socorro dos excluídos e sua emancipação, como era a pedagogia de Jesus.

Não havia que se falar em emancipação de excluídos uma vez que não havia essa condição presente no Brasil. Na verdade, os indígenas viviam segundo sua cultura e de acordo com a formação educativa dada pelo pajé. Tinham seus próprios idiomas e costumes, bem como práticas religiosas.

Desse modo, a reflexão chegou à conclusão de que o processo de aculturação, com a descredibilização do pajé e a conquista da confiança e simpatia dos indígenas, foi bem executado, com a importante ajuda de José de Anchieta e seus

métodos de ensino, tendo como bases as diretrizes da Companhia de Jesus formalmente elaboradas, mas com as adaptações pertinentes para a realidade local.

Essa adaptação do ensino de Anchieta foi um movimento pedagógico historicamente importante para o início da educação escolar no Brasil. Com muito estudo, ele chegou, juntamente com seus companheiros, a estruturar o ensino em um processo contínuo e concomitante com a sua aplicação, tendo como marco o aprendizado da língua tupi, o desenvolvimento de sua gramática e o uso do teatro e do canto como recursos pedagógicos que facilitassem o entendimento da catequese.

Isso pavimentou o caminho para a estruturação da educação formal no Brasil de forma institucionalizada com o *Ratio Studiorum*, já que a aculturação com a pedagogia de Anchieta deixou um legado para a educação dos gentios voltada para a catequese, visando a formação integral do ser humano de acordo com os princípios cristãos e a cultura europeia.

Com isso, a aplicação da educação formal, com os estudos avançados, ficou destinada para a nobreza, ensejando também uma formação de padres missionários preparados para difundir o Cristianismo em todas as partes do mundo e combater o Protestantismo.

Desse modo, chega-se à conclusão de que essa perspectiva cristã acima elencada, descoberta pelas pesquisas durante o levantamento bibliográfico, influenciou de forma muito contundente a educação brasileira, iniciando o processo de implantação de escolas, o que perdurou por muitos anos, com uma metodologia de ensino que se aplicou de maneira padronizada e uniforme pelos colégios brasileiros.

A catequização também teve a sua influência com práticas pedagógicas que perduram até os dias atuais, utilizando-se de recursos artísticos como o canto e o teatro, bem como o uso do afeto em sala de aula a fim de se conquistar a confiança dos estudantes.

Outra característica marcante vem do esforço de José de Anchieta, visto que a adaptação do currículo e o uso de abordagens de ensino próprias para as atividades estudantis de cada discente foi iniciada por ele. Atualmente, utilizam-se atividades

apropriadas para estudantes que necessitam de recursos especiais em um processo contínuo de tentativa de inclusão. Embora naquela época o intuito não fosse a inclusão, mas, pelo contrário, a divisão do ensino por classes sociais que aumentaram a desigualdade, a insistente tentativa de rever os conceitos de catequização para atingir os objetivos da Companhia de Jesus teve a sua importância na história da educação.

Portanto, embora haja na história muitas crises, embates e contradições no ensino brasileiro liderado pela Igreja Católica através dos jesuítas, com práticas destoantes da pedagogia de Jesus Cristo e do ideal de educação vislumbrado pelos primeiros cristãos, deve-se ressaltar que as metodologias de ensino e diretrizes de gestão da educação foram inovadoras para a época e importantes para o estabelecimento da educação escolar no Brasil e nos processos permanentes de formação humana. E é justamente o que a escola faz atualmente: atua na formação do ser humano visando prepará-lo, em sua integralidade, para a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**. 5. ed. Tradução de J. Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Beatriz S. S. Cunha. Jandira: Ciranda Cultural, 2021.

AGOSTINHO, Santo. **De Magistro**. Tradução de Felipe Denardi. Campinas: Kirion, 2017.

ANTUNES, Cristina. **Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil (1595)**. 2013. Disponível em: <https://revistahcsm.coc.fiocruz.br/arte-de-gramatica-da-lingua-mais-usada-na-costa-do-brasil-1595/>. Acesso em: 07 dez. 2025.

AQUINO, Marcelo Fernandes de. **Jesus de Nazaré. Profeta da liberdade e da esperança**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999, pp. 89-104.

AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica I**. Tradução de Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2017.

BARROS, Paulo César. As fontes Patrísticas: importância e atualidade para a igreja. **Vida Pastoral**, [s. l.], v. 1, n. 269, p. 5-10, dez. 2010. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/patristica/as-fontes-patristicas-importancia-e-atualidade-para-a-igreja/>. Acesso em: 08 abr. 2025.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 17. Ed. São Paulo: Canção Nova, 2017.

BOBINEAU, Olivier. O que é Ágape? Da exegese a uma síntese antropológica passando pela teologia. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 70-88, set. 2010.

BOGAZ, Antônio Sagrado; COUTO, Márcio Alexandre; HANSEN, João Henrique. **Patrística: caminhos da tradição cristã**. São Paulo: Paulus, 2008.

CANCIAN, Renato. **Guilherme de Ockham: causa e efeito**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/guilherme-de-ockham-causa-e-efeito.htm>. Acesso em: 05 maio 2025.

FABRI, Marcelo. **Fenomenologia e Cultura: Husserl, Levinas e a motivação ética do pensar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FALCON, Francisco José Calazans. **A época pombalina**. São Paulo: Ática, 1982.

FÁVERO, Leonor Lopes. História da Disciplina de Português na Escola Brasileira. **Revista Diadorim**, São Paulo, v. 6, p. 13-36, dez. 2009.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Didática e interdisciplinaridade**. 12. Ed. Campinas: Papyrus, 1998.

FLORES, Moacyr (Org.). **Mundo Greco-Romano: Arte, mitologia e sociedade**. 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FREITAS, Charles Lamartine de Sousa. **A filosofia da educação grega na constituição histórica da Paideia Cristã**: matrizes conceituais comuns, teorias pedagógicas distintas e contradições epistemológicas e políticas. 2022. 224 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

FREITAS, Charles Lamartine de Sousa. **A Igreja corpo de Cristo**: síntese da eclesiologia de Santo Agostinho. São Paulo: Paulus, 2021.

GOMES, Adriano Ramos. Ensino público no Brasil: primórdios (1759-1827). **Instrumento Crítico**, v. 5, n. 5, 2019, p. 15-32.

GIMENES, Cainan Espinosa. **O conceito de inventio como método de ensino na Patrística**. 2021. 100 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia e Ensino, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2021.

IGLESIAS, Tânia Conceição. **A experiência educativa da ordem franciscana: aplicação na América e sua influência no Brasil colonial**. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2000.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e Paideia grega**. Tradução de Daniel da Costa. Santo André: Academia Cristã, 2014.

JANEIRO, Isaac Vázquez. **Un Plan Inédito para la vangelización de América: la creación de una comisaria general india, em 1505**. Santiago de Compostela: Editorial el Eco Franciscano, 1979.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1977.

LEÃO XIII, Papa. **Rerum Novarum**. Santa Sé: Editora Vaticana, 1891. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acesso em: 17 ago. 2025.

LOWY, Michael. **O que é cristianismo da libertação**: religião e política na América Latina. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016. 256 p.

MACHADO, Gutemberg de Albuquerque. **A Educação humanizadora numa perspectiva agostiniana: um olhar sobre a tutoria.** 2021. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2021.

MEDEIROS, Geisa da Silva. **Olhar para o sol: concepção da análise fenomenológica hermenêutica.** 2016. 59 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação em Ciências e Matemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MORIN, Émile. **Jesus e as Estruturas de seu tempo.** Tradução de Vicente Rodrigues de Souza. São Paulo: Paulus, 1988.

MOURA, Anderson Cordeiro de. **Heresia e Ortodoxia: uma análise teórica no contexto da inquisição.** Último Andar, São Paulo, v. 1, n. 31, p. 234-248, 05 maio 2018.

NOLASCO, Patrícia Carmello. **A Educação Jesuítica no Brasil Colonial e a Pedagogia de Anchieta: Catequese e Dominação.** 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação histórica.** Tradução de Gentil Avelino Titton. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEINADO, Maria Rita Sefrian de Souza. **Proposta de Educação Cristã e Estratégias de Ensino em Santo Agostinho.** 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

PEREIRA, Rosemeire França de Assis Rodrigues. **A literatura de José de Anchieta e a gênese da educação brasileira.** 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PIC, Claire. **Os Dominicanos de Tolosa no Brasil (1881-1952): Da missão ao apostolado intelectual.** São Paulo: Edições Loyola, 2024.

PISNITCHENKO, Olga. **Arte de Persuadir nos Autos Religiosos de José de Anchieta.** 2004. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SANTOS, Renan. **Santo Anselmo da Cantuária: argumento ontológico provoca discussões até hoje.** argumento ontológico provoca discussões até hoje. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/santo-anselmo-da-cantuaria-argumento-ontologico-provoca-discussoes-ate-hoje.htm>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SANTOS, Wander Gomes dos. **A educação cristã em Agostinho: o catecumenato ontem e hoje.** 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 6ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

SESBOÜÉ, Bernard; WOLINSKI, J. **O Deus da salvação (séculos I – VIII)**. 3ed. São Paulo: Loyola, 2015.

SILVA, Zilda Maria da. **Mística Marial como caminho de fé**: diálogo entre o beato Chaminade e Papa Francisco. 2024. 327 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2024.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. **Para Além do Claustro**: uma história social da inserção beneditina na América portuguesa. 2011. 325 f. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

ANEXO A – MEMORIAL

Eu comecei meus estudos no ensino superior cursando Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela FATEC – Faculdade de Tecnologia – de Itapetininga, cidade onde moro desde a minha infância (nasci no interior do estado do Paraná). No entanto, sempre tive interesse pela área de Linguagens, com um desejo de cursar Letras e maior interesse em uma língua estrangeira – a dúvida pairava entre língua francesa e língua inglesa, optando, posteriormente, pela segunda -, desejo esse que se realizou pouco depois de me tornar tecnólogo.

Tendo trabalhado na área de tecnologia da informação, tive a oportunidade de custear meus estudos em Licenciatura em Letras – Inglês. E, enquanto a minha carreira passava por esses acontecimentos, na minha vida particular, outras questões que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa que culminou nesta dissertação apareceram.

No decorrer da minha adolescência, eu tive muitos questionamentos acerca da doutrina católica, principalmente em relação aos sacramentos, pois eram coisas que não faziam muito sentido para mim e estar dentro da igreja era simplesmente uma atitude de cumprimento de dever de quem vinha de família cristã e havia feito uma catequese que considero fraca na igreja local. Digo fraca porque não percebo o aprendizado de algo relevante que pudesse me levar à compreensão dos sacramentos prestes a receber. Eu não sabia acerca da divindade de Jesus Cristo, acreditava se tratar meramente de uma criatura divina, assim como qualquer outro ser; não entendia por que havia eucaristia, pois, para mim, aquilo era simplesmente um ato simbólico em homenagem a Cristo; não compreendia a intercessão dos santos e o projeto salvífico de Deus. Talvez, para mim, ser católico era apenas uma atitude de temer em não estar no caminho correto do que o verdadeiro desejo de estar naquela religião por crer verdadeiramente em sua doutrina.

Todas essas dúvidas me inquietavam e me fizeram querer estudar sobre os assuntos relacionados. Na verdade, a dúvida sempre foi o “combustível” que me movia a buscar o conhecimento, a fim de se obter o controle de todas as minhas atitudes em vez de ficar fazendo coisas de maneira mecânica e repetitiva por mera questão social.

Diante desse fato, interessei-me em estudar acerca de várias denominações cristãs protestantes de até mesmo de algumas outras religiões que não são adeptas aos Cristianismo. Também, aprofundei-me no estudo da fé católica, a qual eu queria verdadeiramente conhecê-la e compreendê-la plenamente. Para mim, não bastava um simples colhimento de informações, eu queria entender verdadeiramente o significado de cada gesto e ação presentes nos ritos.

Passado por todo esse processo, acabei me interessando realmente pela Igreja Católica, pois, após toda a minha pesquisa, para mim (posicionamento subjetivo), não fazia sentido ser cristão em alguma denominação protestante, restando somente o catolicismo ou então a negação da fé cristã. Entretanto, a fé cristã foi a que mais me comoveu e mais incutiu em mim o desejo de aprofundamento no “Código Canônico” e na “Instrução Geral do Missal Romano”, bem como outras instruções da igreja e o no “Catecismo da Igreja Católica”.

Conheci santos doutores da igreja católica, sendo a figura mais importante para mim a de Santo Agostinho, pois sua história de conversão e de ensino através do seu exemplo de vida meio que fez com que eu me espelhasse nele de alguma forma. Até porque se tratava de um homem muito estudioso e culto que passou por um longo processo de mudança de vida. Compreender, com ele, sobre a sua natureza divina e humana foi algo inimaginável e que mudou a minha forma de pensar a relação entre homem e Deus.

Enquanto tudo isso acontecia, eu continuava meus estudos, e, em certo momento, o meu lado religioso e o acadêmico começaram a se misturar quando eu passei a estudar a filosofia de educação no curso de licenciatura. Através dos estudos da graduação, consegui compreender a história da Igreja Católica pela perspectiva cristã, o que me fez perceber a grandeza da contribuição da Igreja em diversas áreas sociais, sendo muito complexa compreendê-la em sua totalidade.

O motivo de um católico ir à missa é para comer da carne e beber do sangue de Cristo, não simbolicamente, como eu imaginava, mas verdadeiramente, o que acontecer pela transubstanciação, onde pão e vinho se transformam realmente em Corpo e Sangue de Cristo. Esse é o cerne da fé cristã e aprender sobre isso me deixou muito inquieto e me fez ler reler diversas vezes o capítulo 6 do Evangelho de João,

em que esse discurso acerca da eucaristia é muito presente no diálogo de Jesus com seus discípulos. E durante esse processo de estudos fui me aproximando ainda mais da igreja católica.

Em relação a minha fé, posteriormente aproximei-me ainda mais da igreja, participando ativamente das missas e estudando a vida dos santos doutores da igreja, bem como dos dogmas católicos. Ter clareza me possibilitou preencher lacunas que me impediam de concordar ou aceitar o que a igreja impunha. Também resolvi conflitos acerca dos erros cometidos pelos membros da igreja no passado, erros esses cometidos por seres humanos, e não por Deus.

Com isso, também desenvolvi críticas sobre a filosofia cristã de ensino, o que considero como algo positivo, visto que incutiu em mim o interesse em adquirir mais conhecimento sobre o assunto.

Desse modo, minha aproximação com o cristianismo se fortificou na educação superior, seguindo um caminho que considero contrário ao que acontece com boa parte das pessoas – o de se afastar da religião após entrar no mundo universitário.

Então, esse processo de mudança que sofri, juntamente com o aprendizado acadêmico, despertou em mim o desejo de compreender a educação cristã e, surgindo a oportunidade de ser discente no Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade de Sorocaba, enxerguei da oportunidade de, com a devida orientação de um professor qualificado, ter o meu repertório de domínio sobre o tema ampliado, o que realmente aconteceu.

Com a participação no programa, eu pude entender melhor a situação da educação do Brasil no que se refere às práticas docentes e a sua história, bem como compreender melhor o meu objeto de estudo através do convívio com meu orientador, que é uma pessoa com muito conhecimento na área e com bastante experiência de convívio no meu religioso, tendo bastante propriedade para me conduzir até o destino que cheguei.

Esse convívio me possibilitou enxergar a Igreja Católica e sua atuação educacional por uma perspectiva social diferenciada, a de escolha pelos excluídos e sua emancipação. Essa proposta faz o resgate de valores cristãos primitivos e que

dão sentido à fé, fazendo-me compreender que dessa forma vale a pena sim ser cristão.

Tudo isso já despertou em mim o interesse de me aprofundar na perspectiva social da Igreja Católica em uma eventual pesquisa para o desenvolvimento de uma tese de doutorado, o que é o meu desejo.